



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO BACHARELADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

MIKAELY FERNANDA DA LUZ MOURA RIBEIRO
SILVANETE MORAIS DA SILVA

**A DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA
DE GESTÃO: um estudo de caso na empresa Ouro Vivo Metais, no
município de Itaituba – Pará**

Itaituba - PA

2022

MIKAELY FERNANDA DA LUZ MOURA RIBEIRO
SILVANETE MORAIS DA SILVA

**A DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA
DE GESTÃO: um estudo de caso na empresa Ouro Vivo Metais, no
município de Itaituba - Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em
defesa para finalização do Curso Bacharel em
Ciências Contábeis da Faculdade de Itaituba.

Orientador: Prof. Especialista Augusto Cesar
Amorim do Nascimento.

Itaituba - PA

2022

RIBEIRO, Mikaely Fernanda Da Luz Moura; SILVA, Silvanete Morais da.

A DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA DE GESTÃO:
um estudo de caso na empresa Ouro Vivo Metais, no município de Itaituba - Pará/
Mikaely Fernanda Da Luz Moura Ribeiro; Silvanete Morais da Silva. Itaituba: FAI,
2022.

64 f.

Orientador: Augusto Cesar Amorim do Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba-FAI, 2022.

1. Fluxo de Caixa. 2. Contabilidade. 3. Gestão de Empresas. 4. Estudo de Caso.
Nascimento, Augusto Cesar Amorim do. II Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA,
2022.

MIKAELY FERNANDA DA LUZ MOURA RIBEIRO
SILVANETE MORAIS DA SILVA

**A DEMONSTRAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA
DE GESTÃO: um estudo de caso na empresa Ouro Vivo Metais, no
município de Itaituba - Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em
defesa para finalização do Curso Bacharel em
Ciências Contábeis da Faculdade de Itaituba.

Orientador: Prof. Especialista Augusto Cesar
Amorim do Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____ Nota: _____
Prof. Augusto Cesar Amorim do Nascimento, Especialista.

Avaliadora 1: _____ Nota: _____
Profa. Adriana Alcobase Souza Araújo, Especialista.

Avaliadora 2: _____ Nota: _____
Profa. Maria Danielle Lobato Paes, Mestra

Resultado: _____ Média: _____

Data: 08 de agosto de 2022.

*Dedicamos este trabalho a Deus,
aos nossos familiares, aos nossos amigos
e aos nossos professores.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus que não nos abandonou, guardou-nos, protegeu-nos, e abençoou às nossas vidas, os nossos passos, guiando o nosso conhecimento e aprendizado, concedendo a nós a oportunidade para evoluirmos intelectualmente e sermos pessoas melhores a cada dia. Pelo dom de ter nos tornados mães, ainda que muito cedo, mas de nada nos atrapalhou, somente acrescentou experiências, amor, carinho, afeto e ensinou-nos a ter mais comprometimento e responsabilidade, sabendo que cada passo dado e escolha feita poderia refletir consideravelmente sobre nossos filhos que é a razão de nossas alegrias e de nossas vidas.

Por essas e outras razões, agradecemos aos nossos filhos pelo amor que nos concede todos os dias, os lindos sorrisos que nos presenteiam, alegrando os nossos lares e incentivando-nos a acreditarmos mais ainda na vida. Agradecemos a nossos familiares por sempre nos apoiarmos e em especial às nossas mães que são mulheres guerreiras sem igual, incentivando-nos a crescermos, ajudando-nos todos os dias a sermos mães melhores, e juntamente aos demais apoiando-nos no que é necessário e não nos permitiram desistir do sonho de nos formarmos.

Agradecemos ainda aos nossos professores e ao orientador deste Trabalho de Conclusão de Curso, Augusto Cesar Amorim do Nascimento, que se dedicou a nos ensinar, compartilhar conhecimentos e experiências, aprimoraram os seus saberes através de estudos para conceder a nós e aos nossos colegas de turma o melhor aprendizado. Agradecemos aos nossos amigos e amigas que também nos incentivaram positivamente a continuar a graduação e jamais desistir dos nossos sonhos.

*Conhecimento não é aquilo que
você sabe, mas aquilo que você faz com o
que você sabe.*

Aldous Huxley.

RESUMO

O presente trabalho objetivou demonstrar a eficácia da utilização do Fluxo de Caixa como instrumento aplicável pela Gestão de organizações empresariais, demonstrando as colaborações significativas que essa ferramenta pode trazer para as empresas através de conceitos teórico-científicos e análise de caso concreto e pesquisa de campo. A investigação justifica-se por ser relevante apresentar esses apontamentos analisados cientificamente para provar que o Fluxo de Caixa pode servir, de forma eficaz, como uma ferramenta a ser empregada pela Gestão de empresas. Desse modo, a problemática da pesquisa volta-se para a aplicação do Fluxo de Caixa como instrumento da gestão em empresas, tendo como base a análise dessa prática em uma empresa situada no município de Itaituba/PA, a Ouro Vivo Metais. Os métodos empregados foram pesquisa bibliográfica para realizar o levantamento dos dados, pesquisa descritiva, para a descrição do fenômeno analisado, e abordagem qualitativa para a interpretação das informações obtidas. Pelo fato de ser uma pesquisa caráter empírico, que investiga sobre determinado fenômeno contemporâneo, sem fugir do seu contexto real, optou pelo estudo de caso, com a aplicação de entrevista através de questionário com perguntas objetivas e subjetivas. Através das demonstrações de Fluxo de caixa pode-se ter uma visão sobre como está a questão financeira da empresa, ajudando nas escolhas adequadas de investimentos ou, caso necessário, de empréstimos; melhor organização de pagamentos; noção de pendências financeiras e ausência de saldo para novos investimentos, e outras finalidades; configurando-se, então, em uma ferramenta de relevante utilização na organização empresarial por ceder inúmeros benefícios. Desse modo, o Fluxo de caixa é um instrumento que pode contribuir no planejamento financeiro das pequenas e médias empresas, assim como, em grandes instituições por demonstrar com clareza de informações a realidade financeira das empresas, sendo uma ferramenta fundamental no momento de tomada de decisões.

Palavras-chave: Fluxo de Caixa. Gestão Empresarial.

ABSTRACT

This study aimed to demonstrate the effectiveness of using Cash Flow as an instrument applicable to the management of business organizations, demonstrating the significant collaborations that this tool can bring to companies through theoretical-scientific concepts and analysis of a concrete case and field research. The investigation is justified because it is relevant to present these notes scientifically analyzed to prove that the Cash Flow can effectively serve as a tool to be used by business management. Thus, the research issue turns to the application of Cash Flow as a management tool in companies, based on the analysis of this practice in a company located in the municipality of Itaituba - PA, Ouro Vivo Metais. The methods used were bibliographic research to carry out data collection, descriptive research to describe the phenomenon analyzed, and a qualitative approach to interpret the information obtained. Because it is empirical research, which investigates a certain contemporary phenomenon, without straying from its real context, it opted for the case study, with the application of an interview through a questionnaire with objective and subjective questions. through the cash flow statements, it is possible to have a view on how the company's financial situation is, helping in the appropriate choices of investments or, if necessary, of loans; better organization of payments; notion of financial pending and lack of balance for new investments, and other purposes; configuring itself, then, in a tool of relevant use in the business organization for providing countless benefits. It is worth concluding that Cash Flow is an instrument that can contribute to the financial planning of small and medium-sized companies, as well as large institutions, as it clearly demonstrates the financial reality of companies, being a fundamental tool at the time of decision-making.

Keywords: Cash Flow. Business management.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fluxo de Caixa – Método Direto	32
Quadro 2 – Fluxo de Caixa – Método Indireto	33
Quadro 3 – Faturamento mensal – vendas à vista	48
Quadro 4 – Pagamento de fornecedores à vista	49
Quadro 5 – Despesas operacionais	49
Quadro 6 – Despesas tributárias	50
Quadro 7 – Modelo de Fluxo de Caixa	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 CONCEITOS DA CONTABILIDADE	13
2.2 CONCEITOS DE EMPRESA	16
2.2.1 Gestão de empresas	17
2.3 ORIGEM DO FLUXO DE CAIXA	21
2.4 CONCEITOS DE FLUXO DE CAIXA	22
2.5 OBJETIVOS DO FLUXO DE CAIXA	25
2.6 IMPORTÂNCIA DO FLUXO DE CAIXA	27
2.7 MÉTODOS E FORMAS DE APRESENTAÇÃO	29
2.7.1 Método Direto	31
2.7.2 Método Indireto	33
3 METODOLOGIA	35
3.1 PESQUISA	35
3.2 O ESTUDO DE CASO	36
3.3 COLETA DE DADOS	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA OURO VIVO METAIS	39
4.2 MISSÃO DA EMPRESA	39
4.3 DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	40
4.4 PRODUTOS OFERECIDOS PELA EMPRESA	40
4.5 TIPOS DE CLIENTES	40
4.6 CONCORRENTES	41
4.7 ANÁLISE RESULTANTE DO ESTUDO DE CASO: A ENTREVISTA	41
4.8 IMPLANTAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA PARA GESTÃO	44
4.9 PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA PARA GESTÃO FINANCEIRA	47
4.9.1 Ingressos	48
4.9.1.1 Planilha Auxiliadora de vendas à vista	48
4.9.2 Desembolsos	48
4.9.2.1 Planilha Auxiliadora para Aquisição de produto	49

4.9.2.2 Planilha Auxiliadora para Despesas Operacionais.....	49
4.9.2.3 Planilha Auxiliadora Despesas Tributárias	50
4.9.2.4 Sugestão de modelo de Fluxo de caixa adaptado de acordo com a movimentação financeira da empresa ouro vivo metais.....	51
4.9.2.5 Análise do resultado final	53
5 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE	63

1 INTRODUÇÃO

O Fluxo de caixa consiste em uma apresentação dinâmica e prática que oferece ao Gestor da empresa diversos dados que podem contribuir durante a Tomada de decisões, pois tal demonstração de informações, apresenta a previsão, controle e registro dos valores recebidos e investidos no decorrer de período específico, incluindo, então, informações referentes às finanças da organização.

Por isso, o presente estudo objetivou demonstrar a eficácia da utilização do Fluxo de Caixa como instrumento aplicável pela Gestão de organizações empresariais, demonstrando as colaborações significativas que essa ferramenta pode trazer para as empresas, através de conceitos teórico-científicos e análise de caso concreto e pesquisa de campo. A investigação justifica-se por ser relevante apresentar esses apontamentos analisados cientificamente para provar que o Fluxo de Caixa pode servir, de forma eficaz, como uma ferramenta a ser empregada pela Gestão de empresas.

Desse modo, a problemática da pesquisa volta-se para a aplicação do Fluxo de Caixa como instrumento da gestão em empresas, tendo como base a análise dessa prática em uma empresa situada no município de Itaituba/PA, a Ouro Vivo Metais. Defende-se, então, a utilização dessa ferramenta como mecanismo capaz de auxiliar o Gestor das organizações, principalmente, na Tomada de decisões, visto que diversos teóricos defendem essa concepção.

Visando a elaboração do trabalho utilizou-se alguns recursos metodológicos, que consistiram na aplicação de pesquisa bibliográfica para realizar o levantamento dos dados, fazendo-se ainda uma descrição do fenômeno analisado com pesquisa descritiva e emprego da abordagem qualitativa para a interpretação das informações obtidas. Pelo fato de ser uma pesquisa caráter empírico, que investiga sobre determinado fenômeno contemporâneo, “o fluxo de caixa”, sem fugir do seu contexto real, optou pelo estudo de caso, com a aplicação de entrevista, através de questionário com perguntas objetivas e subjetivas ao Gestor da empresa.

O Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em cinco capítulos. Neste capítulo inicial apresenta os conceitos introdutórios que versa resumidamente acerca dos objetivos, problemáticas, justificativas, métodos e detalhes estruturais. O capítulo 2 – Fundamentação teórica apresenta o conteúdo resultante da investigação bibliográfica, tendo como subtítulos: “Conceitos de Contabilidade”; “Gestão de

Empresas”; “Origem do Fluxo de Caixa”; “Conceitos do Fluxo de Caixa”; “Os objetivos do Fluxo de Caixa”; “Importância do Fluxo de Caixa” e os “Métodos e formas de apresentação do Fluxo de Caixa”. O capítulo 3 – Metodologia descreve as ferramentas utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa. O capítulo 4 – Resultado e Discussão apresentam-se à análise e discussões dos resultados. Na sequência apresenta-se a Conclusão desta pesquisa, que responderá aos questionamentos levantados no início do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITOS DA CONTABILIDADE

A Contabilidade é um dos saberes mais antigos. Conforme Bächtold (2011) seu surgimento se deu devido a necessidade de controlar as posses e riquezas, isto é, o patrimônio. Há como tese, a ideia de que esse conhecimento tenha se originado antes mesmo da existência da escrita, acentuada sua relevância para o homem. Assim, é indiscutível que esse ramo é imprescindível para os negócios.

Referindo-se ao histórico da Contabilidade, Olivo e Boschilia (2012) ratificam a ideia apresentada por Bächtold, ao ressaltarem que o seu surgimento possa ter ocorrido antes da escrita. De acordo com os autores, isto pode ter ocorrido pelo fato de terem sido encontrados em sítios arqueológicos, localizados no Oriente, materiais que civilizações pré-históricas utilizavam, elaborados em fichas de barro, nos quais registravam os bens de cada comunidade.

Na Idade Média, entre 1202 a 1494, segundo Olivo e Boschilia (2012), diversos estudiosos voltaram suas pesquisas para os métodos e técnicas de controle, possibilitando à Contabilidade ser notada como uma ciência. Nessa época, a obra *Líder Abaci*, do autor Leonardo Fibonacci, teve destaque. Na Idade Moderna, a contribuição nesse ramo, foi dada pelo matemático e Frei Franciscano Luca Pacioli que publicou a obra *La Summa de Aritmética, Geometria, Porportioni et Proportionalitá*, em Veneza, na qual apresentou uma descrição do método *Las partidas dobradas*, considerado um símbolo na evolução da Contabilidade.

Para Barroso (2018) conferida como prática e ciência, a Contabilidade vem sendo melhorada. Primeiramente, esta teoria se alargou através de uma base normativa, tendo os Estados Unidos como figura importante nesse período pilar da Contabilidade, visto que nesse país, no decorrer dos anos, vários órgãos e instituições contábeis são elaboradas para normatização e formalização das regras e profissão contábil.

Segundo o autor, a base teórica da Contabilidade é delineada como um conjunto coerente de requisitos conceituais e pragmáticos que constroem uma base de referência para que se investigue a origem da Contabilidade. Hendriksen e Breda (1999), *apud* Barroso (2018), defendem que a teoria da Contabilidade pode ser observada sob vários enfoques, entre eles: o fiscal, legal, econômico, e outros, e, bem

como os vários outros ramos científicos, detém distintas abordagens no perpassar dos anos. Este desenvolvimento da base teórica contábil concede referencial conceitual para análise das atividades contábeis e elaboração de procedimentos novos.

Nesta perspectiva, Bächtold (2011) ressalta que não é possível imaginar uma entidade, seja ela pública ou privada, possuidora de patrimônio, que não detenha de Contabilidade. Logo, por meio do uso de técnicas oriundas da Contabilidade, pode-se controlar o quanto a organização possui a receber e a pagar, o valor referente aos bens, enfim, todas as mudanças ocorridas nos elementos que compõem o patrimônio dentro de um período específico.

Em consoante, Barroso (2018) afirma que a Contabilidade figura em uma ciência social aplicada, que visa estudar o patrimônio das entidades, de modo que um dos seus principais objetivos é divulgar a parte financeira de maneira que os usuários consigam compreendê-la para utilizá-la na Tomada de decisões.

Conceito semelhante é apresentado por Herman Junior (1972, p. 58, *apud* SILVA, 2008, p. 84): “Contabilidade é a ciência que estuda o patrimônio à disposição das aziendas, em seus aspectos estático e dinâmico e em suas variações”. Esse estudo visa expor, mediante a aplicação de fórmulas racionalmente definidas, resultados da administração referentes à formação e distribuição de créditos.

O patrimonialismo em questão, conforme destaca Silva (2008, p. 84), “apregoa que o patrimônio é uma grandeza real que se transforma com o desenvolvimento das atividades econômicas”. Ou seja, o patrimônio evolui de acordo com o progresso das atividades econômicas. O capital, compreendido como a riqueza acumulada, precisa ser conservado e renovado para se mantenha o potencial de sua utilidade.

Nesta visão patrimonialista torna-se necessário considerar o patrimônio sob dois aspectos:

estático: permite o conhecimento da situação patrimonial da empresa ou instituição num dado momento;

dinâmico: permite estudar as variações provocadas pelos fatos administrativos gerando aumento ou diminuição da situação patrimonial (SILVA, 2008, p. 84).

Desse modo, o patrimônio conferido sob o aspecto estático possibilita que se conheça a real situação patrimonial da organização em determinado período; enquanto, sob o aspecto dinâmico pode-se analisar as mudanças promovidas pelos fatos da administração, produzindo aumento ou redução da situação patrimonial.

Concordante com as concepções descritas, Ludícibus (1997) declara que a Contabilidade, na categoria de metodologia é, singularmente, projetada para captação, registro, acumulação e interpretação dos fenômenos que influenciam nas questões patrimoniais, financeiras e econômicas, de qualquer ente, independentemente de ser pessoa física, organização com fins não lucrativos, empresas ou sujeitos de Direito Público, como, por exemplo, o Estado, União, Município, Autarquia, e, outros.

Em concordância com o autor mencionado, Olivo e Boschilia destacam a grande relevância no reconhecimento da Contabilidade, que configura no fato de, além das pessoas físicas, todas as instituições, sejam sem fins lucrativos, empresas privadas ou públicas, sociedade de economia mista, ou pessoas que possuam Direito Público, como os citados anteriormente, precisam prestar demonstrações contábeis.

Entretanto, conforme o autor, existem distinções substanciais entre a Contabilidade privada e a Contabilidade pública, dado que a primeira objetiva apurar os lucros adquiridos, enquanto a segunda não intenta essa apuração. Nos dois casos a finalidade da Contabilidade é a mesma, e emprega os mesmos métodos e técnicas para realizar o registro e controle dos patrimônios das instituições.

A Contabilidade Pública: ocupa-se com o estudo e registro dos fatos administrativos das pessoas de direito público e da representação gráfica de seus patrimônios, visando três sistemas distintos: orçamentário, financeiro e patrimonial, ramificando-se conforme a sua área de abrangência em federal, estadual, municipal e autarquias.

A Contabilidade Privada: ocupa-se do estudo e registro dos fatos administrativos das pessoas de direito privado, tanto as físicas quanto as jurídicas, além da representação gráfica de seus patrimônios, dividindo-se em civil e comercial (OLIVO; BOSCHILIA, 2012, p. 12).

Como visto, a Contabilidade pública e a Contabilidade privada apresentam diferenças básicas, logo que, enquanto uma, volta-se para a análise e registro dos fatos administrativos dos sujeitos de direito público, a outra centra-se na análise e registro de fatos administrativos de pessoas físicas e jurídicas, ambas de direito privado. Dessa forma, a Contabilidade está diretamente ligada às questões orçamentárias, financeiras, econômicas e patrimoniais, podendo ser aplicada em diversas esferas.

2.2 CONCEITOS DE EMPRESA

A empresa consiste em uma unidade econômica organizada que, juntamente ao capital e trabalho, produz ou permite a circulação de serviços e/ ou bens para obtenção de lucro. Alcança personalidade jurídica por meio de inscrição de atos constitutivos em órgãos responsáveis por registro, alcançando, dessa forma, capacidade jurídica que lhe possibilita o exercício de direitos e obrigações. A empresa deve ter domicílio em espaço no qual exercerá os seus direitos e responderá pelas obrigações a elas incumbidas (FABRETTI, 2003).

De acordo com Gularte (2022) as empresas se dividem entre Microempreendedor Individual (MEI), Microempresa (ME), Empresa de Pequeno Porte (EPP), Empresa de Médio Porte, e, Grande Empresa. O Microempreendedor Individual configura-se como um porte de organização instituída para abranger atividades que alcancem faturamento anual de até R\$ 81 mil, sendo o menor tipo de empresa disponível no país. Levando em conta o faturamento das empresas, a classificação acontece da seguinte maneira:

- São consideradas Microempresas aquelas com adesão ao Simples Nacional e que possuem faturamento anual bruto não superior a R\$ 240.000,00;
- São consideradas Microempresas de comércio e serviço que realizam exportações com faturamento bruto anual não superior a US\$ 200.000,00 e as do ramo industrial as que realizam exportações com ganho bruto anual acima de US\$ 400.000,00;
- As Empresas consideradas de Pequeno Porte pertencentes ao Simples Nacional são aquelas que o faturamento bruto anual é acima de R\$ 240.000,00 e não ultrapassam R\$ 2,4 milhões;
- São enquadradas como empresas de Pequeno Porte aquelas de comércio e serviço que realizam exportações que possuem faturamento bruto anual superior a US\$ 200.000,00 e não ultrapassa US\$ 1,5 milhão e do ramo industrial as que realizam exportações com faturamento bruto acima de US\$ 400.000,00 mil e não ultrapassa US\$ 3,5 milhões (BRITO, 2016, p. 22).

Para a ANVISA o porte de empresas está relacionado à capacidade econômica. Tomando-se como base a tabela de classificação aplicada nesta agência leva em conta o faturamento bruto atingido anualmente, somando-se matriz e filiais: Grupo I - Empresa de Grande Porte - Superior a R\$50 milhões; Grupo II - Empresa de Grande Porte - Igual ou inferior a R\$50 milhões e superior a R\$20 milhões; Grupo III - Empresa de Médio Porte - Igual ou inferior a R\$20 milhões e superior a R\$6 milhões; Grupo IV - Empresa de Médio Porte - Igual ou inferior a R\$6 milhões; Empresa de Pequeno

Porte (EPP) - Igual ou inferior a R\$4,8 milhões e superior a R\$360 mil; Microempresa - Igual ou inferior a R\$360 mil (GULARTE, 2022).

As empresas de pequeno porte, normalmente, são geridas por sócios, que possuem formação em área relativa ao negócio que administram, no entanto, não são formados administrativamente na área de gestão, entre elas, economia, finanças, administração, dentre outras. Essa realidade tem ocasionado significativa quantidade de falências, recuperações judiciais e fechamento de pequenos empreendimentos no início da vida (CREPALDI, 2012).

A regulamentação das micro e pequenas empresas é feita pela Lei Complementar Nº 123, de 14 de dezembro de 2006, mediante o Estatuto das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, normalmente conhecida como Lei Geral da Micro e Pequena Empresa. Segundo tais disposições essas empresas são as sociedades empresariais; sociedades simples; o empresário, citado no art. 966 da Lei Nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, devidamente registrados no Registro de Empresas Mercantis ou no Registro Civil de Pessoas Jurídicas; e, a empresa individual de responsabilidade limitada - EIRELI (FREITAS, 2019).

A empresa individual de responsabilidade limitada - EIRELI foi decretada pela Lei Nº 12.441, de 11 de julho de 2011, com o intuito de elaborar uma figura intermediária estabelecida entre o empresário individual e a sociedade limitada, porém, que unisse os melhores aspectos de ambos os modelos. Desse modo, a EIRELI tem como vantagem de atribuir a limitação da responsabilidade e dispensar um sócio para garantir a exploração da atividade econômica (GONÇALVES, 2018).

A sociedade limitada, vista popularmente como LTDA, figura-se como uma organização empresarial aberta por mais de um sócio, as responsabilidades são divididas e detalhadas no Contrato Social, havendo identidade jurídica própria, com capital investido único a ser aplicado nas transações financeiras e judiciais. No exercício, os sócios, que pode haver no mínimo dois, decidem as respectivas quotas, havendo a possibilidade de sócio majoritário ou a divisão do negócio em partes iguais (GULARTE, 2022).

2.2.1 Gestão de empresas

No Novo Dicionário Aurélio, Buarque (1997), apresenta o significado de Gestão, e a configura como a ação de gerir, gerência, gestão de negócios; além de,

administração de negócio de terceiro sem necessitar mandato ou representação legalmente instituída.

Sobre a gestão empresarial, Martinello (2011) destaca que esta não está limitada à tomada de decisões, visto que sua definição vai além, sendo entendida como um procedimento orientado que possibilitará de maneira coordenada definir o fluxo do procedimento decisório nos mais diversos níveis empresariais.

Em consoante, Oliveira, Perez Junior e Silva (2011) resumem o termo gestão e afirmam sua origem do latim “gestione”, que significa gerir, gerência, administração. Assim sendo, o ato administrativo consiste em planejar, organizar, dirigir e controlar recursos, com o intuito de alcançar objetivo específico.

Para Côrte Real (2012) a gestão consiste em uma disciplina, uma arte, técnica, ciência e tecnologia, sendo que o valor relevante é o do consumidor, aquele que a organização consegue disponibilizar com vantagem sobre os concorrentes, de maneira lucrativa.

Desse modo, a gestão de empresas é mais abrangente, permitindo a coordenação adequada do processo de decisório dentro da entidade. Ou seja, como visto, a gestão é o ato que leva a organização a alcançar as metas desejadas. Complementado essa noção, Pereira (2001, p. 57) ressalta que,

A gestão caracteriza-se pela atuação em nível interno da empresa que procura otimizar as relações recursos-operações-produtos/serviços, considerando as variáveis dos ambientes externo e interno que impactam nas atividades da empresa, em seus aspectos operacionais, financeiros, econômicos e patrimoniais.

Conforme apresentado, a gestão atua em questões internas da empresa, buscando otimizar os envolvimento recursos-operações-produtos ou serviços, ponderando as variáveis externas e internas que influenciam nas atividades da organização, nos mais variados aspectos.

Assim, vale ressaltar que gerir atualmente demanda uma extensa e diversificada gama de atividades que antigamente, como explica Mendes (2002) em consequência, o Gestor necessita ser capaz de recepcionar, refletir, decidir e tomar atitudes em condições bem distintas que das de antes. Desse modo, a rotina diária de um Gestor inclui, na atualidade, diversas entradas em uma realidade difícil, como a interdisciplinaridade, a qual consiste no envolvimento de equipes diversificadas, perfis

profissionais e linguagens diferentes; complexidade, na qual as circunstâncias são mais variáveis; exiguidade, em que o tempo está mais corrido e os prazos mais curtos.

Além disso, o autor destaca a multiculturalidade que deixa o Gestor exposto a circunstâncias de trabalho com aspectos externos ao seu ambiente natural e, portanto, com outras culturas; a inovação, que consiste nas formas de gestão, considerando a tecnologia da informação e da comunicação, devendo o gestor ceder, constantemente, novas opções; a competitividade, visto que o mercado está a cada dia mais competitivo, não somente considerando os competidores tradicionais, mas também os novos e os produtos que podem substituir.

Falconi (2009) descreve que várias empresas cometem falhas no processo de gestão e aponta certos pontos que contribuem para que essas falhas aconteçam: não escolher os objetivos corretos, ou não delimitar os problemas da maneira adequada; não executar completamente, e em tempo hábil, os planos de ação; e, podem surgir situações que fujam do controle.

Diante disso, verifica-se que os principais pontos responsáveis pelo fracasso da gestão empresarial, estão diretamente conectados com a execução do que foi planejado. Todavia, para que a execução desses planos seja possível, é preciso identificar a problemática para que desenvolva um plano de ação, que possa ser realizado em tempo hábil visando a eficácia dos resultados. Os problemas, que estão presentes em todas as organizações, devem ser identificados pelo Gestor, priorizados e resolvidos, para que se garanta a consciência e confiança dos processos.

Neste sentido, por volta de 1980, o governo americano, dos Estados Unidos da América, verificou a necessidade de incentivar a procura de um conjunto de concepções que poderiam orientar suas entidades empresariais em resposta ao desenvolvimento das indústrias japonesas. Em vista disso, um estudo foi realizado pela Consultoria Mckinsey em organizações apontadas como de Classe Mundial, ou “ilhas de excelência” nos EUA, procurando identificar o que essas entidades tinham em comum que as diferenciava das outras (FNQ, 2008).

A partir desse estudo, originou-se o modelo de reconhecimento das empresas através de premiações, como, por exemplo, o Prêmio Malcolm Baldrige, nos EUA, e o Prêmio Nacional de Qualidade, no Brasil, criado em 1992, administrado pela Fundação Nacional da Qualidade.

A FNQ – Fundação Nacional da Qualidade (2008) apresenta um “Modelo de Excelência da Gestão (MEG)”, que é referência do Prêmio Nacional de Qualidade

(PNQ) e constitui uma orientação incorporada e interdependente para a gestão de uma entidade empresarial. Esse modelo leva em consideração que os diversos elementos da empresa e as partes que possuem interesse interagem de maneira harmônica e equilibrada nas estratégias e resultados.

Desse modo, o MEG proporciona que os diversos elementos de uma entidade possam ser avaliados e efetivados conjuntamente, de maneira interdependente e complementar. A FNQ (2008, p. 6) apresenta alguns aspectos relevantes desse modelo de excelência de gestão:

- proporciona um referencial para a gestão de organizações, na forma de um modelo completo e reconhecido mundialmente;
- é atualizado anualmente com base em práticas de gestão de organizações de Classe Mundial;
- é direcionado aos resultados do negócio;
- não indica formas preestabelecidas de implementação;
- promove o aprendizado organizacional; • enfatiza a integração e o alinhamento sistêmico; e
- permite um diagnóstico objetivo e a medição do grau de maturidade da gestão.

Segundo a FNQ (2008) o MEG está baseado em alguns fundamentos para a excelência, como: o Pensamento Sistêmico; Aprendizado organizacional; Cultura de inovação; Liderança e constância de propósitos; Orientação por processos e informações; Visão de futuro; Geração de valor; Valorização das pessoas; Conhecimento sobre o cliente e o mercado; Desenvolvimento de parcerias e Responsabilidade social. Esses fundamentos apresentam concepções atuais que consistem em práticas vistas em entidades de alto desempenho, que são líderes de Classe Mundial.

Além do mais, os fundamentos apresentados, quando postos em prática, produzem melhorias para os procedimentos e produtos, assim como proporciona redução de custos e crescimento da produtividade para a empresa, fazendo com que a mesma seja mais competitiva. Ademais, aumentam a credibilidade da entidade e o reconhecimento externo, desenvolvendo o valor da instituição. A instituição que adota esses critérios de excelência consegue adaptar-se com maior facilidade às transformações e possuem mais condições de alcançar e manter um desempenho de Classe Mundial.

2.3 ORIGEM DO FLUXO DE CAIXA

É relevante estudar a área de finanças, visto que, segundo comentam Gomes e Moraes (2020), ela influencia em todos os indivíduos e entidades envolvidos, por isso, “entender essa área é essencial para as pessoas e organizações, pois lhes permitirá tomar melhores decisões de onde investir o dinheiro para que esse de retorno” (GOMES; MORAES, 2020, p. 1). Ou seja, compreender as finanças concederá aos proprietários dos estabelecimentos uma Tomada de decisões com mais clareza sobre os investimentos do capital.

Em vista disso, é importante utilizar métodos que facilitem a análise do capital pertencente à organização, como, por exemplo, através da demonstração do Fluxo de caixa (DCF), que, segundo Bonízio, Martins e Gilioli (2011, p. 5) “se diferencia das demais demonstrações contábeis porque é elaborada sob a égide do regime de caixa”, ou seja, a DCF é efetivada com apoio da gestão do caixa.

Vale destacar, conforme apresenta Carneiro (2011) que a diferença crucial entre a demonstração de Fluxo de caixa e a DOAR é que, esta última se constitui embasada na concepção de capital circulante líquido, inserido no regime de competência, expondo, por conseguinte, a disponibilidade em prazo médio.

A DFC, por sua vez, estrutura-se no conceito de disponibilidade imediata, incluída no regime de caixa puro, demonstrando a mudança que acontece no saldo disponível da organização em certo período de tempo, através dos fluxos de pagamentos e recebimentos. Em vista disso, imagina-se que a Demonstração de Fluxo de Caixa possibilita maior facilidade para a compreensão do fluxo financeiro da entidade, incluindo os usuários com menor familiaridade com a Contabilidade.

Neste sentido, vale destacar que o primeiro estudo que tratou de análise de balanços, tendo como base os índices de Balanço, foi divulgado pelo *American Institute of Certified Public Accountants* (AIPA), no ano de 1934. No entanto, segundo Carneiro (2011), somente em 1961 destaca-se o interesse centrado no estudo do Fluxo de caixa mediante a divulgação do *Accounting Research 2*, nomeado *Cash Flow: Analysis and the Funds Statement*. No ano de 1986, o *Financial Accounting Standards Board* (FASB) fez a publicação do Boletim Nº 23, no qual propôs às organizações empresariais americanas a substituição da tradicional DOAR pelo relatório de Fluxo de Caixa das Atividades Operacionais.

A demonstração de Fluxo de caixa, conforme menciona Silva (2006) foi padronizada pelo pronunciamento do **Board do Financial Accounting Standards Board** (FASB), através do boletim Nº 95, que constituiu o Fluxo de caixa, substituindo a Demonstração de Origem e Aplicações de Recursos (Doar), registrado em novembro de 1987, e posto em vigor a partir de julho de 1988.

O boletim em questão, de acordo com Sá (2004) estabeleceu regras para a construção do relatório de Fluxo de caixa, que se torna um demonstrativo contábil obrigatório pelas organizações empresariais de capital aberto para as atividades encerradas a partir da data que entrou em vigor.

Ainda conforme preconiza o autor supracitado, na Inglaterra, impôs-se obrigatoriedade para publicação da Demonstração de Fluxo de Caixa a partir do ano de 1992, após entrar em vigor o Financial Reporting Standard 01(FRS01). No Brasil, o Instituto Brasileiro de Contadores (IBRACON), no mês de abril de 1999, buscando antecipar-se em relação às mudanças na Lei 6.404/76, que estava em discussão no Congresso, divulgou a Normas e Procedimentos Contábeis Nº 20 (NPC 20), na qual continha recomendações, bem resumidas, sobre a construção do Demonstrativo de Fluxo de Caixa.

Verifica-se, assim, que o interesse voltado para o estudo sistemático do Fluxo de caixa não é antigo, fato este que, possivelmente, esclareça a ausência considerável de literatura sobre o assunto e a aplicação limitada que o setor empresarial faz desta ferramenta.

2.4 CONCEITOS DE FLUXO DE CAIXA

O Fluxo de caixa, como tece Pivetta (2005) é uma apresentação de caráter dinâmico e prático que dispõe ao gerente grande quantidade de dados que poderão auxiliar no momento de Tomada de decisões, logo que esse documento compõe a previsão, o controle e o registro do que entra e sai de capital em determinado período, abrangendo informações a respeito da vida financeira da entidade.

Reinert e Bertolini (2007) admitem com essa ideia ao afirmarem que o Fluxo de caixa de uma organização empresarial é o composto de entradas e saídas de recursos dentro de certo tempo, consistindo em uma forma de representar a dinâmica da circunstância em que a empresa se encontra.

Assim, o Fluxo de caixa é uma ferramenta que pode auxiliar no controle de recursos que entra e sai na empresa, por isso, conforme destaca Nascimento (2015), na empresa analisada pelo autor, os resultados da ferramenta em questão são expostos semanalmente aos proprietários da entidade empresarial, porque, é usada em todas as reuniões para que as finanças sejam compreendidas.

Quintana (2009) ressalta que a demonstração do Fluxo de Caixa, além de ser um documento contábil relevante, pode colaborar de maneira expressiva para a gestão financeira, logo que a maior parte dos fatos que acontecem nas entidades empresariais inclui a movimentação de recursos financeiros. Devido a isso, a gestão financeira tona-se um elemento imprescindível no procedimento de gestão das organizações.

O Fluxo de caixa está diretamente envolvido com a movimentação dos recursos financeiros, enquanto o orçamento centra-se no provimento de forma precedente, sendo possível estender para além de um ano a provisão; no fluxo de caixa trabalha-se para controlar os pagamentos e recebimentos e acontece em períodos menores.

Diferenciando o fluxo de caixa do orçamento, Salanek Filho (2012) expressa:

O fluxo de caixa tem a finalidade de controlar os recebimentos e pagamentos do caixa. Utilizamos o fluxo de caixa para observar em que momento de um determinado período (dia, semana, mês, trimestre, etc.) teremos mais ou menos dinheiro no caixa.

Enquanto o orçamento é elaborado para avaliar a viabilidade como um todo o negócio, observando se o mesmo é ou não lucrativo, o fluxo de caixa é utilizado posteriormente e tem a finalidade de controlar a movimentação do caixa (SALANEK FILHO, 2012, p. 49).

Desse modo, o fluxo de caixa tende a fazer o controle das movimentações financeiras do caixa, diferentemente, o orçamento avalia todas as possibilidades do negócio, verificando a capacidade de lucro, depois disso efetiva-se o Fluxo de caixa. Ainda para Salanek Filho (2012) é comum efetivar provisões do Fluxo de caixa, observando-se o capital a ser recebido e os valores a serem pagos, acompanhando se estes irão se confirmando.

Os métodos a serem empregados para uso do Fluxo de Caixa na empresa são diversos e, segundo Silva (2015), podem ser criados do Registro no Livro Caixa ao sistema integrado de gestão empresarial (ERP – Enterprise Resource Planning).

Para a autora a informação consiste em uma ferramenta importante para o administrador, dado que o Fluxo de caixa como mecanismo de gestão oferece à

empresa, de maneira rápida e fácil os movimentos financeiros, desse modo, fazendo com que quite seus compromissos e supra o caixa.

Silva (2015, p. 17) destaca ainda que é necessário considerar alguns dados relevantes na projeção do Fluxo de caixa:

- Entradas (Ingressos)
- Vendas à vista;
- Vendas a prazo (duplicatas, cheques à prazo ou cartões de crédito);
- Venda de imobilizados (verificar se não irá prejudicar a empresa);
- Empréstimos e/ou financiamentos junto à bancos;
- Juros recebidos de clientes;
- Rendimentos de aplicações financeiras;
- Aumento de capital.
- Saídas (Desembolsos)
- Distribuição dos lucros;
- Pró-labore;
- Pagamentos de juros à fornecedores;
- Aquisição de equipamentos;
- Compra à vista;
- Pagamentos de fornecedores;
- Impostos;
- Despesas operacionais (folha de pagamento, aluguel, energia, telefone e honorários)

Dessa maneira, na realização do Fluxo de caixa é preciso atentar-se para vários fatores que são imprescindíveis em sua construção, devido aos dados estarem ligados às finanças da empresa, influenciando no planejamento e organização do capital da empresa.

Nessa perspectiva, vale apontar a afirmação de Zdanowicz (1998, p. 19) que define essa ferramenta como um,

instrumento que permite ao administrador financeiro, planejar, coordenar, dirigir e controlar os recursos financeiros (...) para um determinado período ou ainda é um instrumento que relaciona o conjunto de ingressos e desembolsos de recursos financeiros pela empresa em determinado período.

Assim, o Fluxo de caixa enumera o conjunto de entrada e desembolsos de recursos financeiros pela entidade empresarial. De acordo com o que afirmam Bonízio, Martins e Gilioli (2011), além de possibilitar ao Gestor a Tomada de decisões na área financeira, incluindo a captação e aplicação dos recursos, a gestão do Fluxo de caixa também pode ajudá-lo na gestão operacional da organização empresarial, sendo suficiente que nos relatórios sejam apontadas as relações entre o caixa e as outras contas importantes que estão implicadas no fluxo financeiro.

Desse modo, na dinâmica dos negócios, há fluxos em contas que, geralmente, existem nas entidades e que a supervisão dessas contas e desses fluxos pode esclarecer o próprio Fluxo de caixa, em consequência disso, o acompanhamento desses fluxos possibilita ao Gestor ver os efeitos financeiro de cada atitude tomada diante da gestão da operação. Ou seja,

quando o gestor opta, por exemplo, por uma determinada política de compras, essa escolha afeta o caixa por meio do fluxo de caixa operacional de pagamento de fornecedores, e esse efeito pode ser observado na conta de estoques, por exemplo; quando ele adota determinada estratégia de cobrança, isso afeta o fluxo de caixa proveniente de contas a receber, e isso pode ser observado no volume de contas a receber; e assim por diante (BONÍZIO; MARTINS; GILIOLI, 2011, p. 13).

Desse modo, as atitudes escolhidas e tomadas influenciam no Fluxo de caixa, chegando a afetar a conta de estoques, como no exemplo apresentado pelos autores. Neste sentido, vale verificar que um relatório de Fluxo de caixa bem detalhado ao Gestor pode apontar a ele quais os resultados financeiros das ações operacionais, isto é, escolhendo certa estratégia ou política em determinado aspecto operacional, gera um efeito financeiro que precisa ser observado.

2.5 OBJETIVOS DO FLUXO DE CAIXA

O Fluxo de caixa, de acordo com Campos Filho (1997) é o controle e registro a respeito da movimentação do caixa de determinada empresa, demonstrando as entradas e saídas de capital financeiro decorrente de certos períodos.

Entre os objetivos dessa ferramenta, pode-se apontar, segundo Zdanowicz (2000) a busca pelo equilíbrio entre os fluxos de entrada e saída de capital; liquidar as obrigações impostas no prazo adequado; prever futuros desembolsos de caixa em grandes volumes em períodos de baixo encaixe; oferecer ao Gestor de finanças um panorama estratégico da situação da organização; apresentar o período de captação de recursos ou de aplicação quando houver excedente de caixa; visualização da quantidade de vendas da organização; avaliação do cenário de inadimplência dos clientes.

Nesta conjuntura, o Fluxo de caixa configura-se em uma ferramenta gerencial capaz de possibilitar a demonstração da verdadeira situação econômica da organização, alcançada mediante as movimentações financeiras, cede suporte para

o planejamento de uma entidade e reduz significativamente os riscos no momento em que as decisões são tomadas.

Matarazzo (1998) cita os principais objetivos da Demonstração de Fluxo de caixa: a avaliação das possibilidades de investimentos; avaliação e controle no perpassar do tempo das decisões relevantes que são tomadas na organização, com reflexos financeiros; análise das situações atuais e futuras do caixa, localizando-a para que não cheque as circunstâncias de liquidez; conferir se os excessos circunstanciais de caixa estão sendo aplicados de maneira devida; analisar se a empresa precisa de investimentos externos; averiguar o motivo das discrepâncias entre o Lucro Líquido agregado a recebimentos e pagamentos; mensurar a geração de caixa entre as variadas atividades: operacionais, de investimento e de financiamento no decorrer de certo período contábil.

Ademais, para Matarazzo (2003), o Fluxo de caixa de uma entidade empresarial não depende unicamente do administrador financeiro, porque origina-se de diversas decisões de áreas distintas, como prazos cedidos aos clientes, nível de estoque, prazos alcançados dos fornecedores, estabilização, crescimento ou diminuição do volume de atividades, investimento no ativo permanente, tal como as oportunidades de incentivo de capital.

Em consonância, a DFC apresenta a gênese e a utilização de todo o recurso financeiro que transitou pelo caixa dentro de certo tempo e o resultado obtido por meio desse fluxo. Ou seja, é a demonstração contábil que possui como função primordial expor as movimentações de entradas e saídas de caixa, utilizando conceitos e linguagem simplificados, possuindo uma comunicação mais facilitada com boa parte dos usuários das demonstrações contábeis.

Portanto, os objetivos fundamentais desse mecanismo contábil voltam-se, basicamente, para o controle e avaliação de diversos aspectos relacionados às decisões que são adotadas na organização intrínsecos ao financeiro, como as questões presentes e futuras do caixa da empresa, sempre fazendo o controle para que não ocorra liquidez; e, conferindo se os possíveis excessos circunstanciais de caixa estão sendo aplicados de forma apropriada.

2.6 IMPORTÂNCIA DO FLUXO DE CAIXA

A competitividade e exigência tornam-se mais crescentes no mercado, aspectos do mundo globalizado. Verifica-se, então, ser necessário ampliar a eficácia e eficiência das organizações na busca de melhorar o desempenho nas atividades que desenvolvem, visando a redução de custos e proporcionando melhorias na qualidade do serviço e/ou produto e preço mais acessível ao consumidor, vencendo, dessa forma, concorrência com a intenção de se manter no mercado e alcançar sua sobrevivência.

Assim, para que uma empresa se mantenha em um mercado que está a cada dia mais competitivo é preciso que o Gestor de finanças tome decisões embasadas em dados precisos e atuais, sendo necessária a demonstração do Fluxo de caixa da organização. Logo que, de acordo com Santos *et al.*, (2010), uma das maiores preocupações dos empreendedores refere-se à saúde financeira da entidade, exigindo a aplicação de estratégias que possuam maior eficiência.

Para os autores, o Fluxo de caixa é uma das ferramentas contábeis ocupa papel importante para o sucesso da organização empresarial, pois esse instrumento “é de fundamental importância em todas as etapas da gestão empresarial, seja no planejamento, na execução das atividades ou na avaliação do desempenho dos administradores e na análise do resultado” (SANTOS *et al.*, 2010, p. 2). Ou seja, essa ferramenta exerce função de extrema relevância nos processos que envolvem a gestão da empresa.

Isto se deve, ao fato de o Fluxo de caixa oferecer uma visão adiantada das insuficiências numerárias visando cumprir os pagamentos de compromissos que a entidade costumeiramente assume, proporcionando para o administrador financeiro o planejamento prévio dos problemas que possam aparecer no decorrer das operações e conduzir prováveis excedentes.

A relevância da gestão do Fluxo de caixa visando a previsão das questões financeiras futuras, consoante com o que afirmam Bonízio, Martins e Gilioli (2011), exige uma prática na qual relaciona cada item que influencia no caixa, o que realmente ocorre no dia a dia do Gestor, visto que é a gestão dessa rotina diária que possibilitará com que a quantidade disponível no caixa em cada situação supra as necessidades da empresa.

Em consoante, uma gestão adequada do Fluxo de caixa permite evitar dois problemas principais:

1º falta de caixa no momento em que é necessário, ocasionando a captação emergencial de recursos junto a terceiros, de aporte de capital por parte do proprietário ou ainda a venda (liquidação) de ativos para suprir essas necessidades;

2º excedente de caixa desnecessário, ocasionando um custo muitas vezes imperceptível pelo gestor, o custo de oportunidade do capital investido em caixa, pois este excedente poderia estar investido em alguma alternativa cujo rendimento seria melhor que aquele obtido nas costumeiras aplicações financeiras realizadas com o caixa excedente (BONÍZIO, MARTINS; GILIOLI, 2011, p. 7).

Diante dessas considerações, verifica-se que o Fluxo de caixa é um instrumento essencial para o controle financeiro da empresa. Silva (2010) corrobora com esse conceito, pois destaca a relevância desse mecanismo, evidenciando que o Fluxo de caixa é fundamental para que a entidade empresarial possua agilidade e segurança nas atividades financeiras.

Visto que, segundo o autor, o Fluxo de caixa precisará refletir com destreza a situação econômica da organização, em relação às finanças futuras. Assim, uma empresa que não usa esta ferramenta fica vulnerável às modificações constantes de mercado e com falha no planejamento. Estas situações podem ocorrer pelo fato de a empresa não saber previamente quanto e quando, momentaneamente, necessitará de um financiamento. Então, é possível que ocorra falta de verba e acarrete a necessidade de efetivação de empréstimos com taxas de juros consideravelmente maiores.

Além do mais, o não planejamento, através do Fluxo de caixa impossibilita a empresa de prever também quanto e por quanto tempo haverá sobre de caixa, que poderia ser usada para gerar mais receita. Neste sentido, vale citar que para Frezatti (1997), a geração de caixa é primordial em todas as etapas da empresa, desde a sua elaboração, no seu desenvolvimento e até mesmo no período no qual a organização está encerrando as atividades.

Desse modo, vale ressaltar que, conforme Silva (2010), a boa aplicação do Fluxo de caixa permite ainda o conhecimento do grau de independência financeira das empresas, baseando-se na análise de seu potencial para gerar recursos no futuro para liquidar seus compromissos e pagar a remuneração dos empreendedores.

Ademais, possibilita a análise da capacidade de financiar seu capital de giro e ou se precisa de recursos externos, permitindo que se conheça a capacidade e crescimento com recursos próprios, alcançados através de suas próprias operações a comparar o potencial existente das empresas para implementação de decisões de financiamento, investimento, distribuição dos lucros e/ ou pagamentos de dívidas.

Portanto, o Fluxo de caixa apresenta-se como uma ferramenta de suma importância para as organizações, permitindo uma visão detalhada da situação financeira, e previsões de investimentos e/ ou financiamentos, análise dos lucros obtidos, entradas e saídas, assim como a visualização dos recursos disponíveis, sendo necessária sua realização desde o momento de abertura da empresa até o período de fechamento.

2.7 MÉTODOS E FORMAS DE APRESENTAÇÃO

Como visto, a Demonstração de Fluxo de caixa é um instrumento, utilizado por muitas organizações empresariais para fins gerenciais. Entretanto, devido a crescente relevância cedida ao Fluxo de caixa na análise de viabilidade econômica de projetos, na análise de possíveis riscos sobre investimentos, nas operações de fusão e aquisição de entidades, construiu-se a necessidade de o usuário externo acessar esses dados, com o intuito de obter conhecimento acerca da realidade das finanças da empresa.

Dessa forma, segundo Lisboa (2015) o Fluxo de caixa efetivado de determinado período torna-se parte integrante das Demonstrações contábeis voltadas para os usuários externos, objetivando ceder informações referentes ao fluxo de ingressos e desembolsos de capital resultantes das atividades realizadas pela organização.

Silva (2005) afirma que, no Brasil, a Demonstração de Fluxo de caixa ainda não é considerada obrigatória visando efeito de publicação, mas estudos que estão sendo realizados pelo Conselho Federal de Contabilidade e pelo Instituto Brasileiro de Contadores (IBRACON), têm demonstrado grande tendência que favorecem à publicação. De modo que algumas organizações e fundos voltados para investimentos imobiliários já estão divulgando-a juntamente com as demonstrações contábeis, pelo fato de apresentar as entradas e saídas do caixa dentro de certo período, com uma linguagem que torna fácil a compreensão para os usuários das demonstrações contábeis.

Neste sentido, Silva (2010) indica alguns tipos de Fluxo de caixa, entre eles: os Fluxos Operacionais, que expõem a entrada e saída relativas à produção e venda dos serviços e produtos da organização; Fluxo de Investimento, que são os Fluxos de caixa ligados à compra e venda de ativos estagnados e participações societárias; Fluxos de financiamentos, que decorrem de empréstimos de capital particular; e o Fluxo de caixa extra operacional, que consiste nos ingressos e desembolsos de itens que não possuem relação com a principal atividade efetivada pela entidade empresarial.

Marion (2012), por sua vez, expõe que a Demonstração de Fluxo de Caixa pode ser construída de duas maneiras diferentes: possuindo a própria ficha da 'Conta Caixa' ou do livro caixa, organizando as operações considerando sua origem. Ao condensar essas operações, passa-se a possuir todas as informações necessárias para a realização da demonstração de Fluxo de caixa, sendo possível somente se os elaboradores tiverem acesso interno à organização.

E, a segunda maneira seria caso tenha posse das demonstrações financeiras, dado que nem sempre consegue-se acessar à ficha (ou livro) da conta caixa. Esse processo será realizável apenas caso a empresa publique, ou possua arquivo, de suas demonstrações contábeis.

Para o autor, as Demonstrações financeiras que são corriqueiras na elaboração do fluxo de caixa são: o Balanço Patrimonial, a Demonstração do Resultado do Exercício DRE, a Demonstração de Lucros ou Prejuízos Acumulados (DLPA) e a Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos (DOAR).

Ainda segundo Marion (2012), este seria o verdadeiro Fluxo de caixa, pois, nesse método encontram-se todos os recebimentos e pagamentos que realmente colaboram para que ocorram variações das disponibilidades em determinado período.

O CRC-SP (1997, *apud* SILVA, 2005) apresenta que o Fluxo de caixa relacionado às transações decorrentes de atividades operacionais poderá ser apresentado através dos métodos direto e indireto. O FASB, por meio da FAZ-95 incentiva a prática, todavia, não impõe obrigação em utilizar o método direto. Em relação às transações decorrentes de investimento ou financiamento, independentemente de aplicar o método direto ou o método indireto, não expõem discrepância na demonstração de Fluxo de caixa.

2.7.1 Método Direto

O Fluxo de caixa pode ser exposto, conforme asseguram Rosa e Silva (2002), através de duas maneiras: por intermédio de um método direto e mediante um método indireto. Para os autores, o método direto mostra os valores recebidos e pagamentos decorrentes das atividades operacionais da entidade, mostrando, de forma efetiva, os movimentos do capital que ocorrem em determinado período.

Assim, o método direto consiste em um demonstrativo de pagamentos e recebimentos decorrentes de atividades operacionais da organização, e não o lucro ajustado, como é efetivado no método indireto, que foca mais nos objetivos da ferramenta.

Conforme Silva e Neiva (2010), a demonstração através desse método favorece a avaliação da solvência da organização, logo que expõe toda a movimentação dos recursos financeiros, as causas de caixa e onde ocorreu sua aplicação. Para as autoras, esse método possui vantagens e desvantagens.

Entre as vantagens, está o fato de o método direto elaborar condições positivas que possibilitam a “classificação dos recebimentos e pagamentos siga critérios técnicos e não fiscais; permitir que a cultura de administrador pelo caixa seja introduzida mais rapidamente nas empresas” (SILVA; NEIVA, p. 29), além dos dados de caixa poderem estar disponíveis todos os dias.

Dentre as desvantagens, aponta-se: “o custo adicional para classificar os recebimentos e pagamentos; e a falta de experiência dos profissionais das áreas contábil e financeira em usar as partidas para classificar os recebimentos e pagamentos” (SILVA; NEIVA, p. 29).

Dessa forma, o método direto pode ser visto como vantajoso ou não, a depender de peculiaridade relacionadas não somente à empresa, mas também ao profissional da área contábil e financeira na utilização das partidas para a classificação dos pagamentos e recebimentos.

Exemplo de demonstração do Fluxo de caixa por meio do método direto:

Quadro 1 – Fluxo de Caixa – Método Direto

INGRESSOS DE RECURSOS	
Recebimentos de clientes	XX
Pagamentos a fornecedores	XX
Despesas administrativas e comerciais	XX
Despesas financeiras	XX
Impostos	XX
Mão-de-obra direta	XX
(=) Ingressos de recursos provenientes das operações	XX
Recebimento por verbas do imobilizado	XX
(=) Total dos ingressos dos recursos financeiros	XX
DESTINAÇÃO DE RECURSOS	
Aquisição dos bens do imobilizado	XX
Pagamentos de empréstimos bancários	XX
(=) Total das destinações de recursos financeiros	XX
Variação líquida das Disponibilidades	XX
(+) Saldo inicial	XX
(=) Saldo final de disponibilidade	XX

Fonte: Rosa e Silva, 2002, *apud* Frauches, 2014.

Como observa-se no Quadro 1, esta representação favorece ao Gestor analisar a solvibilidade da empresa, porque enfatiza todo o movimento dos recursos financeiros, a natureza dos recursos de caixa e onde foram investidos.

Sá (2004) considera que o Fluxo de caixa alcançado através do método direto cede alguns dados relevantes referentes ao processo de formação de liquidez. E, pelo fato de ser obtido todos os dias e possibilitar, com algumas limitações, a projeção diária das entradas e saídas, consiste em um mecanismo insubstituível para a realização do planejamento financeiro.

Ainda conforme explicita o autor, por fazer a captação somente do que circula pelo Disponível, o Fluxo de caixa realizado mediante o método direto possui uma área visual limitada. Logo, são diversas as situações que podem atuar visando a liberação ou retirada de recursos do Fluxo de caixa.

A rentabilidade da organização pode estar variando, aumentando ou não, os estoques podem estar girando mais rapidamente ou não, a inadimplência dos clientes pode estar evoluindo ou não, o prazo para os clientes quitarem suas dívidas podem estar sendo prolongados ou diminuídos e o Fluxo de caixa no qual emprega-se o método direto não é capaz de, por si só, apresentar essas situações. Visto que, tudo o que verifica, é apenas se o Fluxo de caixa está melhorando ou não.

2.7.2 Método Indireto

O método indireto, por sua vez, consoante com o que explicam Rosa e Silva (2002), é aquele que os recursos originados de atividades operacionais são expostos com base no lucro líquido, conforme os itens apontados nas contas de resultado que não prejudicam o caixa a organização empresarial.

Desse modo, o método indireto é aquele que demonstra os recursos originários baseando-se no lucro líquido da empresa, ajustado por itens expostos em cálculos de resultado. Este método é semelhante à demonstração de origens e aplicações de recursos, como no exemplo:

Quadro 2 – Fluxo de Caixa – Método Indireto

ORIGENS	
Lucro líquido do exercício	XX
Mais:	
Depreciações	XX
Aumento em imposto a pagar	XX
Aumento em fornecedores	XX
Menos:	
Aumento em clientes	XX
(=) Caixa gerado pelas operações	XX
Venda do imobilizado	XX
(=) Total dos ingressos de disponibilidades	XX
APLICAÇÕES:	
Pagamento de empréstimos bancários	XX
Aquisição de imobilizado	XX
(=) Total das aplicações de disponibilidades	XX
Variação líquida das disponibilidades	XX
(+) Saldo inicial	XX
(=) Saldo final das disponibilidades	XX

Fonte: Rosa e Silva, 2002 (*apud* FRAUCHES, 2014).

Campos Filho (1999) tece que este modelo de Fluxo de caixa apresenta duas vantagens: o emprego de dois balanços (do começo e do fim do período), a demonstração dos resultados e outros dados adicionais que podem ser disponibilizados pela Contabilidade; e, a amostragem da composição da discrepância entre o lucro contábil com o fluxo operacional líquido.

Sobre o método indireto, Sá (2010) afirma que esse recurso parte da análise de que somente dois fatos são capazes de liberar ou remover recursos do Fluxo de

caixa, estes são o lucro (ou prejuízo) e os fatos que promovam variações nos saldos das contas do Ativo (menos o Disponível) e do Passivo. Desse modo,

Todo lucro contribui para a geração de caixa. Chamamos de Geração Interna de Caixa ao caixa que seria gerado pelo lucro líquido (ou destruído pelo prejuízo) caso a variação de todas as demais contas tanto do Ativo quanto do Passivo fosse igual a zero (SÁ, 2004, p. 31).

Contudo, para o cálculo da Geração Interna de Caixa soma-se ao lucro do exercício, isto é, aquele deduzido a partir da provisão para a quitação do Imposto de Renda e da Contribuição Social sobre lucro; com as despesas que não produziram saída de caixa, e subtrai as receitas que não produziram renda de caixa.

Sá (2004) explica ainda que, para propiciar a avaliação da Geração Interna de Caixa, recomenda-se sua decomposição em seus constituintes mais simples e maneira a desprender o que é estrutural do que seria conjuntural.

Para Ludicibus, Martins e Gelbcke (2000) a construção da DFC, empregando-se o método indireto, extrai-se dados do DRE, e a partir desse processo podem ser realizadas adições e reduções dos eventos que prejudicam o lucro, mas não prejudicam o caixa, ou vice-versa.

Dessa forma, a grande vantagem da DFC, através do método indireto, é destacar de maneira clara as variações do caixa devido a mudanças nos prazos de recebimentos e de pagamento ou por mudanças de estoques. Por isso, esse método é conhecido também como método de acordo, pelo fato de efetivar uma conciliação entre o lucro líquido e o caixa criado pelas operações.

3 METODOLOGIA

3.1 PESQUISA

Buscando uma definição para a pesquisa, Gil (2002) a cita como um processo empregado racionalmente e de maneira sistematizada, que objetiva promover respostas às problemáticas que são apontadas. Assim, a pesquisa é solicitada quando não há dados suficientes para responder ao questionamento, ou quando os dados disponíveis estão desorganizados de forma que não possa aplicar relação específica ao problema.

Para o autor, a pesquisa é efetivada diante “o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos” (GIL, 2002, p. 17). Na prática, a investigação é desenvolvida no decorrer de um processo que inclui diversas etapas, desde a correta formulação da problemática, até a exposição satisfatória dos resultados alcançados.

Dessa forma, a pesquisa consiste em um procedimento formalizado, como explicam Marconi e Lakatos (2003), no qual coloca-se o método de pensamento reflexivo, que exige um tratamento científico e se constrói no percurso para que se obtenha conhecimento acerca da realidade ou para encontrar noções verídicas parciais. Neste sentido, a pesquisa é um meio de cunho científico aplicado com intenções delimitadas, estas centradas em um objeto de investigação, apontado como fenômeno, do qual busca-se descobrir detalhamentos, analisando-o em seu próprio contexto, sendo necessária sua realização de maneira organizada.

A escolha do método adequado para a aplicação da investigação, segundo Branski, Franco e Lima Jr. (2010) dependem do que se objetiva, em consequência, das indagações que o investigador deve responder. Devido a esse fato, optou pelo estudo de caso, pois esta pesquisa possui caráter empírico e investiga sobre determinado fenômeno contemporâneo, “o fluxo de caixa”, sem fugir do seu contexto real, especialmente quando as limitações entre o fenômeno e o contexto não estão definidas claramente (YIN, 2005).

No entanto, vale destacar a necessidade de descrever o fenômeno analisado, apontando suas características relevantes, para isso realiza-se a pesquisa descritiva, apontada por Gil (1999) como as pesquisas descritivas intuem, principalmente, a descrição de peculiaridades de certa população ou fenômeno, ou instituição de

relações entre variáveis. Para Selltiz *et al.*, (1965), nesse tipo de pesquisa busca-se descrever o fenômeno ou circunstância em detalhes, especificamente o que está acontecendo, possibilitando abranger, com precisão, os aspectos de um sujeito, situação, ou grupo, assim como revelar o envolvimento entre os acontecimentos.

Como a pesquisa elaborada não tem interesse em dispor dados quantitativos, optou pela abordagem qualitativa, que, conforme Vergara (2000), apresenta aspectos de uma população ou fenômeno e define envolvimento entre variáveis e sua natureza. Sobre essa abordagem, Lüdke e André (1986) afirmam que a vertente qualitativa pode adotar diversas formas, entre elas a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Em vista disso, é completamente adequada sua aplicação no trabalho em questão.

3.2 O ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é um método de investigação que emprega, “geralmente, dados qualitativos, coletados a partir de eventos reais” (BRANSKI; FRANCO; LIMA JR., 2010, p. 1). O intuito envolta dessa prática investigativa é esclarecer ou descrever fenômenos da atualidade incluídos em seu próprio contexto de existência.

Para Meirinhos e Osório (2010) as concepções positivistas elaboraram a noção do investigador como observador neutro, que não influencia sobre o objeto investigado, podendo ser observada uma realidade objetiva, de modo que se acredita ser possível retirar a subjetividade por meio de um contato distante do pesquisador/observador.

Fidel (1992, *apud* ARAÚJO; *et al.*, 2008) explica. que o objetivo desse método investigativo é a compreensão do evento estudado, bem como elaborar teorias mais genéricas sobre tal fenômeno. E, segundo Guba e Lincoln (1994, *apud* ARAÚJO; *et al.*, 2008), sua intenção é relatar os fatos como ocorreram, fazer a descrição dos acontecimentos, disponibilizar conhecimento referente ao fenômeno analisado e comprovar ou contrastar seus efeitos e relações existentes.

Assim, o estudo de caso é aplicado como um meio para analisar situações eventuais e conceituá-las através de fundamentos científicos que os comprovem, provendo conhecimentos teóricos-científicos para a comunidade.

Em consoante, para Andrade *et al.*, (2017) o estudo de caso é um procedimento estruturado, havendo possibilidade de aplicá-lo em diferentes circunstâncias para

colaborar com o conhecimento acerca de fenômenos individuais ou grupais e, por ser um método de investigação, possui características particulares.

Neste sentido, Benbasat, Goldstein e Mead (1987, *apud* ARAÚJO; *et al.*, 2008) julgam que um estudo de caso precisa ter um fenômeno analisado em seu âmbito natural; informações colhidas através de vários meios, como observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, e, outros; uma ou diversas entidades, sejam elas pessoas, grupo ou organização, a serem analisadas; o estudo aprofundado da complexidade analisada; investigação dirigida às etapas de exploração, classificação e elaboração de suposições do processo de concepção do conhecimento.

Os autores apontam ainda: que a não aplicação de formas experimentais de controle ou manipulação; não há necessidade do pesquisador caracterizar previamente as variáveis dependentes e independentes; os resultados sujeitam-se vigorosamente ao poder integrador do investigador; algumas alterações podem ser realizadas na seleção do caso ou dos métodos empregados para colhimento dos dados à proporção que o pesquisador elabora novas hipóteses; esse tipo de pesquisa envolve ainda questionamentos “como?” e “porquê?”, ao invés de “o quê?” e “quantos?”.

3.3 COLETA DE DADOS

Existem diversas fases da pesquisa, segundo Marconi e Lakatos (2003), entre elas encontra-se o levantamento de dados, consistindo na pesquisa bibliográfica por meio da qual realiza-se um apanhado geral a respeito dos principais trabalhos já efetivados, de considerável relevância, pelo fato de conseguirem fornecer informações atuais e importantes relativo ao tema.

Dessa forma, o estudo da literatura pode auxiliar na planificação do trabalho, desviar de publicações e alguns erros, e corresponde a uma fonte imprescindível de dados, podendo dar orientações a questionamentos. Em vista disso, esse tipo de investigação foi aplicado para sustentar teoricamente as hipóteses levantadas acerca do fenômeno investigado e expor informações atualizadas já alcançadas por outras pesquisas de cunho teórico-científico.

Outro método empregado foi a entrevista de forma escrita por meio de questionário auto administrado (BANDEIRA, 2011), pois, conforme Gómez, Flores e Giménez (1999), este instrumento de coleta de dados, apesar de não ser uma das

técnicas que mais representa a investigação de carácter qualitativo, porque seu emprego está mais associado aos mecanismos de pesquisa quantitativa. No entanto, essa técnica de colhimento de informações, o questionário, pode oferecer um serviço fundamental para a investigação qualitativa. O método em questão está baseado na construção de um formulário, previamente organizado e padronizado.

A entrevista aplicada foi do tipo “entrevista com um informante”, apresentada por Bandeira (2011, p. 5), na qual “uma pessoa de um grupo que ocupa uma função chave é escolhida para dar informações sobre o grupo ou sobre uma pessoa”, esse informador poderá ser objetivo nas respostas, visto que não estará tratando a respeito de si mesmo, mas fornecendo informações referentes a um grupo no qual está inserido.

A entrevista foi dirigida com aplicação de questionário, sendo que as questões foram previamente decididas por uma das entrevistadoras, a mesma somente as lê e anota as respostas disponibilizadas pelos entrevistados, sem acrescentar novas indagações no período em que se realiza a entrevista.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA OURO VIVO METAIS

A empresa Ouro Vivo Metais (OVM), escrita no CNPJ 27.668.471/0001-29, está localizada no município de Itaituba no Pará, 15ª rua com a travessa São José, nº 937, bairro Bela Vista, telefone: (93) 99179-0801. Foi constituída e registrada legalmente junto aos órgãos competentes em 05 de maio de 2017, contando-se três anos e sete meses no mercado. No entanto, tem dois anos com sua nova gestão que é composta por dois proprietários/sócios Jader de Jesus Ramos e Dorivan Santos dos Santos. Está inserida no ramo de extração de metal precioso (comércio atacadista de produtos da extração mineral, exceto combustível), visando sempre atender os garimpeiros da região local.

Empresa que com dois anos vem se destacando no mercado e procura sempre o melhor para atender seus clientes. Um dos sócios, que é o gerente da loja, sempre procura melhorias para a organização tendo como foco aumentar a clientela, a empresa tem hoje, cerca de 124 clientes fixos com fichas cadastrais na loja.

A organização é composta por 10 colaboradores, tendo no momento seis funcionários, sendo eles: três avaliadores (de metais precioso), uma fiscal e duas financeiros, dois seguranças, gerente e o proprietário. Uma equipe formada a cerca de um ano, com propósitos, empenha-se em melhor atender os clientes.

A empresa tende a crescer a cada dia mais, pois tem se adequadado ao mercado e procurando legalizar o garimpeiro atrás de um contrato de parceria com uma cooperativa (COOPEMIC) local da cidade, que tem áreas legalizadas e procura cada dia mais a legalização do garimpeiro.

4.2 MISSÃO DA EMPRESA

A missão da Ouro Vivo Metais é valorizar o amigo e cliente garimpeiro que luta diariamente pelo seu sustento. A empresa tem como principal missão a legalização do garimpeiro, para que possam trabalhar com verdadeiro trabalhadores, em áreas legalizadas que tenha licença de operação (LO), áreas com PLG (processo de lavra garimpeira) aprovadas e liberadas pelo DNPM um dos órgãos responsáveis pelas áreas garimpeira.

4.3 DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

Atualmente as atividades da empresa são desenvolvidas por toda equipe de Funcionários e Gestores. Tendo em vista, que todos os dias há compra de mercadoria, torna-se necessário que toda a equipe trabalhe em conjunto.

O Diretor geral e o Gerente são responsáveis pela administração atuando na área de relacionamento com clientes, analisando e procurando sempre o melhor preço no mercado para melhor satisfazer lós.

O Diretor geral é o maior responsável pela transação de mercadoria conhecendo seus clientes jurídicos a qual faz negociação e logo a venda do seu material em estoque, também é responsável pela parte legislativa, legalização de áreas para que o seu cliente possa trabalhar sempre legalizado.

4.4 PRODUTOS OFERECIDOS PELA EMPRESA

O principal produto oferecido pela Ouro Vivo Metais é o ouro. Entretanto, a empresa pode exercer outras atividades de extração de metal precioso, mas vale frisar que sua principal mercadoria é o Ouro. Ou seja, a organização é um comércio atacadista de produtos da extração de minérios, menos de combustíveis. Tem como atividades secundárias a metalúrgica de metais preciosos, recuperação de materiais metálicos, exceto o alumínio, realiza testes e análises técnicas. Além disso, oferece ótimo atendimento a clientela, oferecendo o melhor serviço e produto disponíveis no mercado.

4.5 TIPOS DE CLIENTES

Os clientes da Ouro Vivo Metais são pessoas físicas e jurídicas. As físicas são garimpeiros que exercem a profissão no mato como é chamado, que passam dias e até mesmo meses na produção do material para trazer até a cidade e vender sua produção, além dos familiares desses profissionais que fazem venda dos metais recebidos.

A empresa tem também clientes jurídicos, os quais são as empresas de grande porte, para as quais faz a venda para exportação do material para fora do estado e

até mesmo do Brasil. Atualmente, a empresa fornece material apenas para um Distribuidor de Títulos e Valores Mobiliários (DTVM) e duas cooperativas.

4.6 CONCORRENTES

Empresas que atuam no mercado itaitubense no ramo de compra e venda de minérios, em especial, o ouro. Isto é, comércios atacadistas que oferecem produtos da extração de minérios, atuam com metalúrgica de metais preciosos, recuperam materiais metálicos e realizam testes e análises em metais.

4.7 ANÁLISE RESULTANTE DO ESTUDO DE CASO: A ENTREVISTA

A pesquisa foi realizada na empresa Ouro Vivo Metais, localizada na Décima Quinta rua, esquina com a Travessa São José, bairro Bela Vista, em Itaituba/ PA, com a participação do Gestor na unidade, com o intuito de verificar especificidades referentes à utilização do Fluxo de Caixa na organização.

Antes da aplicação do questionário solicitou que o participante assinasse um Termo de Consentimento e Livre Esclarecido – TCLE permitindo que as informações coletadas através da entrevista pudessem ser divulgadas como resultados deste Trabalho de Conclusão de Curso e compartilhamento do saber na comunidade científica.

Dessa forma, para sua concretização empregou-se questionário com perguntas objetivas e subjetivas, sendo três perguntas objetivas, que versavam sobre **o perfil do entrevistado (1ª, 2ª e 3ª), seis perguntas subjetivas e quatro indagações objetivas que tratavam acerca de especificações voltadas para o cargo ocupado.**

Nessas questões versava a respeito do tempo e ramo de atuação da empresa no mercado, o nível de compreensão a respeito do Fluxo de Caixa, a influência do Fluxo de caixa no desenvolvimento da organização empresarial, a possibilidade de movimentar uma empresa sem esta ferramenta interna, se o Fluxo de caixa pode ser empregado para futuros planejamentos, se o profissional entrevistado utilizaria as informações do Fluxo de Caixa para a tomada de decisões na empresa, se o entrevistado acredita que a forma atual de uso dessa ferramenta supre as necessidades da organização empresarial, quais seriam os principais desafios encontrados pela empresa na utilização do Fluxo de Caixa.

De acordo com o exposto através da pesquisa, o participante é do gênero masculino, tem 39 anos, seu nível de escolaridade é ensino médio completo. Como apresentado da quarta pergunta, **o entrevistado ocupa a função de Diretor Administrativo na empresa; e a instituição investigada atua no mercado de Itaituba há 2 anos**, conforme exposto na quinta indagação; **no ramo de compra e venda de metais preciosos**, de acordo com a resposta do participante ao sexto questionamento.

A sétima pergunta, que se centrava no assunto *caput* da pesquisa, questionava **“Qual seu grau de entendimento sobre a ferramenta interna (Fluxo de caixa)?”**, disponibilizou três opções de resposta, dentre as quais o entrevistado marcou “entendo completamente a funcionalidade da ferramenta”.

Nesta perspectiva, vale citar que para Lana (2000, *apud* RAMOS; ALVES, 2012) um dos fatores fundamentais que promovem o insucesso das organizações empresariais e a ausência de planejamento financeiro, assim como o não emprego do Fluxo de caixa.

Assim, demonstra-se a importância de o Gestor em compreender essa ferramenta para que a empregue corretamente, logo que, quando não se pode ter mais ganhos, é necessário cortar gastos, mesmo que pareça uma solução óbvia, poucos micros ou pequenos empresários consideram essas noções básicas de matemática quando se relaciona a administrar suas próprias finanças.

No oitavo questionamento perguntou-se: **“Para você o Fluxo de caixa (ferramenta interna) influencia no desenvolvimento da sua empresa?”**, disponibilizou-se suas opções para marcar: letra a) “sim, de que forma?”, nesta solicitou que explicasse subjetivamente a maneira que a ferramenta influencia no desenvolvimento da organização; e letra b) não. O participante assinalou a letra “a” e explicou que “Influencia no controle de entrada e saída mercadoria e de valores”.

Desse modo, em consonância com Marcário (2009), vê-se o reconhecimento da influência do Fluxo de Caixa sobre o processo de crescimento da organização, visto que interfere no controle de entrada e saída, logo este oferece a previsão de entradas e saídas de capital financeiro dentro de certo período no caixa.

A nona pergunta versava a seguinte indagação: **“Seria possível controlar a movimentação de uma empresa sem esta ferramenta interna?”**, com resposta objetiva, podendo escolher entre “sim ou não”. O entrevistado marcou “não”,

demonstrando que reconhece a real necessidade da aplicação do Fluxo de Caixa para o controle da movimentação de uma entidade empresarial.

Neste sentido, segundo Gomes e Moraes (2011), essa ferramenta permite ao administrador financeiro uma visão completa sobre os recursos que a empresa tem. Serve como mecanismo de planejamento e controle de capital. Com isso, compreende-se que a demonstração de Fluxo de caixa oferece à organização segurança e orientação nos momentos decisivos.

A décima questão discorria sobre a utilização do Fluxo de caixa, perguntando se **“O Fluxo de caixa pode ser utilizado para planejamentos futuros?”**, oferecendo as opções: Sim. De que forma?”, nesta deveria aplicar resposta subjetiva sobre “de que forma?” a ferramenta poderia ser utilizada para futuros planos; e “não”, nesta opção não se exigia esclarecimentos. Assim sendo, o participante marcou a primeira opção e esclareceu “De forma que temos com o quê para tomar decisões concretas”. Ou seja, para o Diretor administrativo da empresa campo de pesquisa o Fluxo de caixa pode ser utilizado para que sejam tomadas decisões concretas, reafirmando o conceito de Gomes e Moraes (2011) apontadas no parágrafo anterior.

No décimo primeiro questionamento, indagou se **“Você utilizaria as informações do Fluxo de Caixa para tomada de decisões da empresa?”**; permitiu a escolha entre “sim e não”. O participante respondeu positivamente, demonstrando que empregaria os dados coletados através do Fluxo de Caixa na tomada de decisões da entidade.

Logo, Friedrich (2005) explica que o Fluxo de Caixa, de caráter histórico, pode estabelecer o rastreamento da atividade aplicada com a intenção de apresentar os pontos críticos no funcionamento das entidades, cedendo subsídios que servirão na tomada de decisões, sejam elas corretivas ou que intentam a melhoria dos resultados. Por meio de sua avaliação pode-se analisar como os recursos investidos estão sendo empregados, alcançando, desta maneira, uma visão ampliada acerca do desenvolvimento da organização.

A décima segunda indagação versava o seguinte texto: **“Você acredita que a forma atual de utilização dessa ferramenta supre as necessidades da empresa?”**, entre as opções “sim e não” disponibilizadas, o entrevistado marcou “sim”, declarando que a maneira de utilização do Fluxo de Caixa está sendo satisfatória para o suprimento das necessidades da organização empresarial.

Nessa perspectiva, pode-se apontar que, de acordo com Ramos e Alves (2012), um Fluxo de caixa devidamente administrado possibilita ao administrador financeiro conservar a empresa em situação de liquidez definitivamente, tal como administrar o capital disponível para giro, analisar os investimentos efetivados em itens do ativo definitivo, entre outras ações. Entretanto, o Fluxo de caixa configura-se, resumidamente, em um dos eventos mais importantes em que estão fundadas as mensurações contábeis.

A décima terceira pergunta questionava “**Quais principais desafios que a empresa possui para a utilização da ferramenta FC?**”; em resposta a essa indagação, o entrevistado afirmou que o “maior desafio foi se adaptar ao Sistema, pois sua complexidade exige uma atenção bem maior do que outros assuntos”, revelando que encontrou certa dificuldade para se adaptar ao sistema de Fluxo de Caixa, por considerá-lo complexo e exigir atenção mais significativa em comparação a outros assuntos da empresa. A última pergunta questionava se o entrevistado autorizava o fornecimento de dados para que pudesse elaborar uma DFC conforme as necessidades ou prioridades da Companhia, tendo como resposta “sim”.

4.8 IMPLANTAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA COMO FERRAMENTA PARA GESTÃO

A construção de um Fluxo de caixa é efetivada utilizando uma conjuntura de informações cedidas por todos os departamentos de uma organização, que são levados para o setor financeiro. Dessa forma, as informações a seguir são essenciais para que se elabore o Fluxo de caixa:

- Classificação quanto ao fluxo de caixa utilizado, se de curto ou longo prazo, de acordo com o segmento, a necessidade e tamanho da empresa;
- O grau de detalhamento dos ingressos e desembolsos de caixa referentes a estoques, pagamentos, recebimentos e aplicações financeiras;
- O grau de precisão, no qual depende do prazo determinado: se for curto prazo, um percentual de 10% é considerado aceitável. Caso seja de longo prazo, deve-se considerar um prazo de 15%;
- O gestor deve possuir conhecimento de que o fluxo de caixa serve apenas como um instrumento de planejamento financeiro, não devendo ser utilizado para outros fins como controle de inadimplência, controle de gastos, dentre outros;
- Recomenda-se que não ultrapasse 10% do total dos registros referentes às entradas e saídas de caixa;
- Para a cobertura do fluxo de caixa de curto prazo, geralmente utiliza-se o calendário fixo (do dia 1º ao dia 30 do mês), ou prazos corridos. Para o fluxo de caixa de longo prazo, utiliza-se como base o calendário fixo (SANTOS, 2001, *apud* TEIXEIRA, 2010, p. 61).

Assim, para se elaborar um Fluxo de caixa adequado deve-se levar em conta a longevidade da ferramenta (curto ou longo prazo), conforme a necessidade e a dimensão da organização; os detalhes referentes aos ingressos de valores, estoques e investimentos; o grau da necessidade, considerando o longo e curto prazo; ter conhecimento acerca de que o Fluxo de caixa é um mecanismo para que se faça o planejamento financeiro, não o usando para outras finalidades; não registrar mais de 10% do total dos registros concernentes às entradas e saídas de caixa; no caso do Fluxo de caixa em curto prazo indica-se o de costume, empregando-se o calendário fixo.

Além desses requisitos, é preciso considerar dados econômicos e financeiros, coletados pelo Gestor financeiro por meio do planejamento de operações da empresa, para o período no qual será efetivada a projeção de caixa. Portanto, para haver bons resultados, a organização precisa manter um saldo de caixa e de bancos razoáveis que cedam condições que correspondam às necessidades do dia a dia.

Dessa forma, como cita Leite (2017), é preciso que delimite um período para o Fluxo de caixa, especificando quando vai fechar um e abrir um novo, período este que pode variar conforme as peculiaridades da instituição. Caso o ramo de negócio não exige um dado período, recomenda-se o período de 30 dias, pois, na maioria das receitas e despesas fixas, há renovação mensal.

Ademais, deve-se diferenciar detalhadamente as receitas, despesas e movimentações dentro de determinados períodos, sendo necessário que desenvolva um método para discernir as despesas das receitas, podendo evitar erros quando efetivar os cálculos e tomar decisões relevantes. Fazer a atualização do Fluxo de caixa todos os dias, logo que é preciso lembrar os colaboradores da necessidade de captar precisamente e em tempo real as informações referentes à movimentação financeira da entidade, devendo-se lançá-las diariamente no Fluxo de caixa, para que o Gestor fique sempre atualizado e que haja planejamento mediante a análise delas.

Leite (2017) destaca ainda a criação de categorias para as movimentações financeiras, através de agrupamentos dessas despesas conforme aspectos que carregam em comum, podendo facilitar na análise da movimentação financeira e na Tomada de decisões relevantes para a empresa. Isso possibilita que calcule subtotais por área para se ter noção de onde o capital está sendo investido, para discernir, por exemplo, se está ocorrendo excessos.

Para elaborar e aplicar o Fluxo de caixa é preciso que o administrador financeiro crie planilhas que possam auxiliar na alimentação dos dados que serão colocados na planilha final (SILVA, 2006, *apud* TEIXEIRA, 2010, p. 61). Tais planilhas e mapas auxiliares têm como finalidade o agrupamento e planejamento dos dados que serão levados para a planilha do Fluxo de caixa, isto é, servem para a organização dos dados.

Entre as planilhas e mapas mais usados, encontram-se os que tratam de contas a receber e vendas a prazo, contas a receber atrasadas e contas a pagar dentro do prazo. O quantitativo de mapas e planilhas criadas pode variar conforme a necessidade de cada organização (ZDANOWICZ, 1989, *apud* TEIXEIRA, 2010, p. 61). Entretanto, deve-se destacar que não se deve exagerar na quantidade de construção de ferramentas gerenciais, para que não se transforme em um sistema burocrático.

Uma dica importante ainda é obter um software de gestão, pois, apesar de ser possível realizar um Fluxo de caixa à punho, fazendo anotações em livros de Contabilidade ou, elaborar e alimentar uma planilha no Excel, um sistema de gestão torna mais fácil essa tarefa, permitindo que o empreendedor invista menos tempo com tarefas burocráticas e mais tempo com o que realmente é relevante: a administração da empresa (LEITE, 2017).

Para que o Fluxo de caixa consiga satisfazer as finalidades da empresa é preciso que o Gestor de finanças analise, acompanhe, interprete, revise e controle o Fluxo de caixa diariamente, porque essas medidas ajudam no alcance eficaz dos resultados esperados. Por meio da análise é possível efetivar projeções futuras baseando-se na interpretação dos dados retirados, tendo auxílio durante a tomada de decisão e desejando por uma melhoria na condição financeira em comparação ao período analisado.

Portanto, através das Demonstrações de Fluxo de caixa pode-se ter uma visão sobre como está a questão financeira da empresa, ajudando nas escolhas adequadas de investimentos ou, caso necessário, de empréstimos; melhor organização de pagamentos; noção de pendências financeiras e ausência de saldo para novos investimentos, e outras finalidades; configurando-se, então, em uma ferramenta de relevante utilização na organização empresarial por ceder inúmeros benefícios.

4.9 PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO FLUXO DE CAIXA PARA GESTÃO FINANCEIRA

Utilizar um sistema de Fluxo de caixa, facilita a disponibilização de informações úteis a respeito da movimentação do caixa da empresa, na qual o Gestor pode utilizar para basear-se nas tomadas de decisões e projeções futuras.

A empresa Ouro Vivo Metais já faz a utilização de um sistema de Fluxo de caixa para controle de movimentação diária, porém, esse sistema demanda maior atenção e entendimento por parte dos funcionários e do Gestor, devido a sua complexidade, o que dificulta muitas vezes sua utilização.

Em decorrência disso, as autoras optaram pela criação de uma ferramenta de baixa complexidade, mas com capacidade suficiente de oferecer ao Gestor e Funcionários todas as informações referentes ao caixa da empresa.

O primeiro passo para a realização foi o levantamento dos dados financeiros relativos à movimentação do caixa da empresa dos períodos desejados, a partir desses dados foram elaboradas planilhas auxiliaadoras, de modo que fossem compreensíveis para o Gestor e Funcionários, facilitando também na organização dos dados no momento de transferi-los para o Fluxo de caixa.

Levando em conta o segmento e funcionamento da empresa, optou-se por utilizar o Fluxo de caixa de curto prazo, em decorrência das situações externas que atingem diretamente na produção da matéria prima principal da empresa.

O método escolhido para ser utilizado no Fluxo de caixa foi o direto, pois permite que seja feita a avaliação dos ingressos e desembolsos passados, possibilitando a criação de projeções futuras, dando ao Gestor uma previsibilidade da liquidez futura da empresa, num curto período de tempo.

As operações financeiras realizadas pela empresa Ouro Vivo Metais, estão relacionadas à entrada de recursos através de vendas à vista de seus produtos, e seus desembolsos são referentes ao pagamento de fornecedores à vista, despesas operacionais e tributárias.

4.9.1 Ingressos

Essas são todas as movimentações financeiras (entradas) apresentadas no caixa da empresa ocorridas no período de julho/2021 a dezembro/2021 para que fosse realizada uma melhor análise.

Os dados foram coletados do controle interno da empresa, realizado através da ferramenta de gestão (Aurum System), usada regularmente pelos funcionários, e transferidos para uma planilha separada apenas para as movimentações de entradas do período desejado para análise.

4.9.1.1 Planilha Auxiliadora de vendas à vista

Quadro 3 – Faturamento mensal – vendas à vista

VENDA À VISTA	
Período	FATURAMENTO
Julho	R\$ 11.029.780,78
Agosto	R\$ 22.927.170,70
Setembro	R\$ 15.259.809,09
Outubro	R\$ 30.741.246,86
Novembro	R\$ 17.274.638,84
Dezembro	R\$ 29.458.328,87
TOTAL	R\$ 126.690.975,14

Fonte: Banco de dados internos empresa Ouro Vivo Metais, 2021.

Analisando os dados, percebeu-se que a forma de faturamento da empresa vem exclusivamente das operações de vendas à vista e que, nos últimos seis meses, o seu faturamento tem sido crescente e satisfatório.

O objetivo deste modelo de planilha é oferecer ao Gestor uma ferramenta que lhe proporcione uma visão clara e objetiva de todas as vendas da empresa durante o mês, e poder comparar os valores aos meses passados, dando-lhe um panorama geral das vendas no decorrer dos períodos, e, com base nos dados, realizar projeções futuras.

4.9.2 Desembolsos

O desembolso está relacionado a todas as saídas do caixa da empresa no período de julho/2021 à dezembro/2021, referentes aos gastos fixos e variáveis da empresa. Para efetivar uma análise detalhada dos gastos e alocar cada despesa na

sua determinada categoria, foram coletados também do controle interno da empresa, através da ferramenta de gestão *Aurum System*.

4.9.2.1 Planilha Auxiliadora para Aquisição de produto

No Quadro 4 observa-se nessa planilha foram selecionados todos os pagamentos realizados de compras de material durante o semestre.

Quadro 4 – Pagamento de fornecedores à vista

PAGAMENTO FORNECEDORES À VISTA		
Período	Valor	
Julho	R\$	9.696.147,83
Agosto	R\$	10.441.851,02
Setembro	R\$	8.394.663,53
Outubro	R\$	10.347.863,94
Novembro	R\$	10.610.688,30
Dezembro	R\$	11.639.185,00
TOTAL	R\$	61.130.399,62

Fonte: Banco de dados internos da empresa Ouro Vivo Metais, 2021.

Com a análise, pode-se concluir que, assim como as operações de vendas, as operações de compras também são realizadas em sua grande maioria mediante pagamento à vista, exceto nos casos em que o cliente deixa a mercadoria na empresa para receber seu pagamento no decorrer do mês quando solicitado.

4.9.2.2 Planilha Auxiliadora para Despesas Operacionais

As despesas operacionais de uma empresa englobam três grandes categorias: despesas administrativas, despesas comerciais e outras despesas que, por ventura, venham ocorrer.

Quadro 5 – Despesas operacionais

DESPESAS OPERACIONAIS						
ITENS	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
SISTEMA	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80
SALÁRIOS E ENCARGOS	R\$ 17.828,89	R\$ 17.828,89	R\$ 17.828,89	R\$ 18.031,17	R\$ 15.817,08	R\$ 14.928,74
ALUGUEL	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00
ENERGIA	R\$ 1.908,10	R\$ 1.798,02	R\$ 2.204,57	R\$ 2.298,76	R\$ 1.977,56	R\$ 2.010,90

MATERIAL ESCRITÓRIO	R\$ 680,00	R\$ 523,00	R\$ 785,94	R\$ 522,20	R\$ 678,46	R\$ 569,74
SUPERMECADO	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
LANCHES/CAFÉ DA MANHÃ	R\$ 1.485,90	R\$ 1.596,00	R\$ 1.368,90	R\$ 1.671,60	R\$ 1.538,70	R\$ 2.250,00
HONORÁRIO CONTADOR	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00
AQUISIÇÃO/MANUTENÇÃO	R\$ 2.366,00	R\$ 1.677,90	R\$ 2.349,00	R\$ 6.523,00	R\$ 4.623,00	R\$ 1.856,30
BRINDES/OUTROS	R\$ 23.523,32	R\$ 19.136,24	R\$ 20.372,73	R\$ 19.693,42	R\$ 44.207,36	R\$ 76.988,11
TOTAL	R\$ 55.660,01	R\$ 50.427,85	R\$ 52.777,83	R\$ 56.607,95	R\$ 76.709,96	R\$ 106.471,59

Fonte: Banco de dados internos da empresa Ouro Vivo Metais, 2021.

Ou seja, são todas as despesas relacionadas ao funcionamento diário da organização, mas que não estejam ligadas diretamente na fabricação do produto.

4.9.2.3 Planilha Auxiliadora Despesas Tributárias

Como observa-se Quadro 6 foram inseridas, de forma unificada, as obrigações fiscais (impostos) que a empresa efetuou o pagamento durante o segundo semestre de 2021.

Quadro 6 – Despesas tributárias

DESPESAS TRIBUTÁRIAS		
Período	FGTS	CFEM
Julho	R\$ 629,00	165.446,71
Agosto	R\$ 629,00	343.907,56
Setembro	R\$ 629,00	228.897,13
Outubro	R\$ 629,00	461.118,70
Novembro	R\$ 629,00	259.119,58
Dezembro	R\$ 629,00	441.874,93
TOTAL	R\$ 3.897,00	1.900.364,61

Fonte: Banco de dados internos da empresa Ouro Vivo Metais, 2021.

As obrigações fiscais podem ser: COFINS, PIS, ICMS, IPTU, IPI, IRPJ, CFEM, alvará de funcionamento, sanitário, Corpo de Bombeiros ou Prefeitura, o que vai especifica-las será o regime tributário da empresa. Lembrando sempre que essas despesas são, geralmente, geradas no mês corrente, mas pagas no mês subsequente.

4.9.2.4 Sugestão de modelo de Fluxo de caixa adaptado de acordo com a movimentação financeira da empresa ouro vivo metais

Após realizar as planilhas de auxílio, efetivou-se a transferência dos dados para o Fluxo de Caixa elaborado para a empresa, para que o Gestor pudesse ter uma visão geral de todas as contas e seus respectivos valores, podendo corrigir erros passados e ter conhecimento mensal do seu caixa de forma clara e objetiva, facilitando a criação de projeções reais para o futuro. No Quadro 7 expõe o Fluxo de caixa elaborado com os dados coletados:

Quadro 7 – Modelo de Fluxo de Caixa

ITENS	jul/21	ago/21	set/21	out/21	nov/21	dez/21	TOTAL
1. INGRESSOS							
1.1 Vendas à vista (produto)	R\$ 11.029.780,78	R\$ 22.927.170,70	R\$ 15.259.809,09	R\$ 30.741.246,86	R\$ 17.274.638,84	R\$ 29.458.328,87	R\$ 126.690.975,14
1.2 Vendas a prazo	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -
Total	R\$ 11.029.780,78	R\$ 22.927.170,70	R\$ 15.259.809,09	R\$ 30.741.246,86	R\$ 17.274.638,84	R\$ 29.458.328,87	R\$ 126.690.975,14
2. DESEMBOLSOS							
2.1 Aquisição de produto							
À vista	R\$ 9.696.147,83	R\$ 10.441.851,02	R\$ 8.394.663,53	R\$ 10.347.863,94	R\$ 10.610.688,30	R\$ 11.639.185,00	R\$ 61.130.399,62
À prazo	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -	R\$ -
2.2 Despesas Operacionais							
Sistema	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 1.267,80	R\$ 7.606,80
Salários e Encargos	R\$ 17.828,89	R\$ 17.828,89	R\$ 17.828,89	R\$ 18.031,17	R\$ 15.817,08	R\$ 14.928,74	R\$ 102.263,66
Alugueis a pagar	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 3.500,00	R\$ 21.000,00
Energia	R\$ 1.908,10	R\$ 1.798,02	R\$ 2.204,57	R\$ 2.298,76	R\$ 1.977,56	R\$ 2.010,90	R\$ 12.197,91
Material escritório	R\$ 680,00	R\$ 523,00	R\$ 785,94	R\$ 522,20	R\$ 678,46	R\$ 569,74	R\$ 3.759,34
Supermercado	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	R\$ 12.000,00
Café da manhã	R\$ 1.485,90	R\$ 1.596,00	R\$ 1.368,90	R\$ 1.671,60	R\$ 1.538,70	R\$ 2.250,00	R\$ 9.911,10
Contador	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 1.100,00	R\$ 6.600,00
Aquisições/manutenção	R\$ 2.366,00	R\$ 1.677,90	R\$ 2.349,00	R\$ 6.523,00	R\$ 4.623,00	R\$ 1.856,30	R\$ 19.395,20
Brindes/Outros	R\$ 23.523,32	R\$ 19.136,24	R\$ 20.372,73	R\$ 19.693,42	R\$ 44.207,36	R\$ 76.988,11	R\$ 203.921,18
2.3 Despesas Tributárias							
Impostos	R\$ 166.075,71	R\$ 344.536,56	R\$ 229.526,13	R\$ 461.747,70	R\$ 259.748,58	R\$ 442.503,93	R\$ 1.904.138,61
Total	R\$ 9.917.883,55	R\$ 10.836.815,43	R\$ 8.676.967,49	R\$ 10.866.219,59	R\$ 10.947.146,84	R\$ 12.188.160,52	R\$ 63.433.193,42
3. Diferença período (1-2)	R\$ 1.111.897,23	R\$ 12.090.355,30	R\$ 6.582.841,60	R\$ 19.875.027,30	R\$ 6.327.492,00	R\$ 17.270.168,40	R\$ 63.257.781,70
4. Saldo inicial	R\$ -	R\$ 1.111.897,23	R\$ 12.090.355,30	R\$ 6.582.841,60	R\$ 19.875.027,30	R\$ 6.327.492,00	R\$ 45.987.613,40
5. Disp. Acumulada (3+4)	R\$ 1.111.897,23	R\$ 13.202.252,50	R\$ 18.673.196,90	R\$ 26.457.868,90	R\$ 26.202.519,30	R\$ 23.597.660,40	R\$ 109.245.395,00
11. Saldo final de caixa	R\$ 1.111.897,23	R\$ 13.202.252,50	R\$ 18.673.196,90	R\$ 26.457.868,90	R\$ 26.202.519,30	R\$ 23.597.660,40	R\$ 109.245.395,00

Fonte: Banco de dados internos da empresa Ouro Vivo Metais, 2021/ adaptado de Zdanowicz (2000).

4.9.2.5 Análise do resultado final

Alguns meses após a realização da pesquisa, foi realizado uma visita para verificar se o gestor permanecia utilizando a Demonstração de Fluxo de Caixa como ferramenta auxiliadora para gerenciamento da empresa. A visita ocorreu no mês de junho do ano de 2022, exatos seis meses após o término da pesquisa. Durante a visita foi verificado que a empresa encontra-se passando por um momento de dificuldades financeiras, justamente porque não houve por parte do gestor o controle da movimentação das entradas e saídas do caixa da empresa.

Em decorrência do mau uso e a falta de análises periódicas do fluxo de caixa, o gestor não percebeu que o caixa da empresa estava tendo constantes desfalques, quando percebeu o fato, a empresa já se encontrava em um estado financeiro bastante complicado, com contas atrasadas e sem capital para suprir as pendências, conseqüentemente, a empresa teve que reduzir seu quadro de funcionários drasticamente, além de recorrer a empréstimos bancários e a venda de bens próprios para buscar cumprir com as obrigações mensais e também ter recursos para comprar mercadoria. O ocorrido com a empresa Ouro Vivo Metais, serve de alertar para a importância de aliar o conhecimento científico com a prática no dia-a-dia, pois a falha não foi da Ferramenta de gestão, mas sim do uso inadequado da mesma por parte do gestor.

A falta ou o mau uso do fluxo de caixa ocasiona a empresa um grande risco de descontrole financeiro, pois sem a ferramenta o gestor não tem conhecimento da real situação econômica da empresa podendo leva-la a falência, no entanto, quando preenchida e analisada de forma correta e constante, o fluxo de caixa se torna um grande aliado no processo de gerenciamento empresarial e tomada de decisões.

5 CONCLUSÃO

Conforme o apresentado, o Fluxo de caixa é um instrumento que pode auxiliar positivamente o Gestor, pelo fato de oferecer transparência em relação ao real valor do capital, demonstrando os saldos a pagar, valores a receber, lucros, investimentos, e, através da análise dos resultados obtidos, consegue-se ter uma base para escolher novos investimentos, tendo a dimensão de quanto poderá investir, usando como parâmetro o valor positivo que a empresa possui.

O entrevistado enfatizou que o maior desafio encontrado foi a adaptação ao sistema utilizado para elaborar o Fluxo de caixa, porque sua complexidade demanda atenção mais significativa em comparação com outros assuntos da empresa, mas considera importante a utilização do Fluxo de caixa na empresa, empregando-o no momento de Tomada de decisões, visto que influencia no controle de entrada e saída, tanto de mercadorias quanto de valores.

O objetivo principal da pesquisa foi alcançado, pois através da análise do questionário e coleta de dados criou-se um modelo de Fluxo de caixa capaz de agilizar o trabalho diário na organização, controlando as entradas e saídas. Por mais que a empresa não tenha demonstrado desestabilidade financeira, foi possível observar que não havia por parte do Gestor um planejamento ordenado de suas ações, ainda que já possuísse uma ferramenta de controle de movimentação do caixa.

Dessa forma, o modelo proposto contribuiu para que o Gestor na análise dos dados já existentes e, através deles, realizar simulações de acréscimos e declínio nos ingressos e desembolsos da empresa, dando-lhe possibilidade de se projetar com mais segurança e clareza para o futuro. O entrevistado destacou que o uso do modelo elaborado está sendo satisfatório para suprir as demandas da instituição, inclusive facilitando no processo de preenchimentos dos dados no sistema já utilizado pela empresa.

É importante citar que as atuais Tecnologias da Informação (TICs) oferecem softwares que facilitam esse controle de gastos e investimentos, permite ainda que essa ferramenta venha ser efetivada diariamente como os autores aconselham que se faça. Por conseguinte, conclui-se que o Fluxo de Caixa é um instrumento que pode contribuir no planejamento financeiro das pequenas, médias empresas, e grandes instituições, por demonstrar com clareza de informações a realidade financeira das empresas, sendo uma ferramenta fundamental no momento de Tomada de decisões.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Selma Regina de; RUOFF, Andriela Backes; PICCOLI, Talita; SCHMITT, Márcia Danieli; FERREIRA, Alexandra; XAVIER, Ana Cristina Ammon. **O estudo de caso como método de pesquisa em enfermagem: uma revisão integrativa.** In: Texto Contexto Enferm, 2017; 26(4):e5360016. Disponível em: scielo.br/pdf/tce/v26n4/0104-0707-tce-26-04-e5360016.pdf. Acesso em: 12 jul. 2021.

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do capital de giro.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BÄCHTOLD, Ciro. **Contabilidade básica.** Curitiba/PR: Instituto Federal do Paraná – IFPR. Escola Técnica Aberta do Brasil – E-tec Brasil, 2011. Disponível em: http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/proeja/contabil_basica.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

BANDEIRA, Marina. **Definição das variáveis e métodos de coleta de dados.** Texto 9. Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. Laboratório de Psicologia Experimental Departamento de Psicologia. 2011. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lapsam/Metodo%20de%20pesquisa/Metodos%20de%20pesquisa%202013/Texto_9_-_Definicoes_das_variaveis_e_metodo_de_coletas_de_dados.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.

BARRETO, João Marcelo. **Introdução à administração.** Salvador: UFBA, Faculdade de Ciências Contábeis, Superintendência de Educação a Distância, 2017.

BARROSO, Deivson Vinicius. **Teoria da contabilidade.** Salvador: UFBA, Faculdade de Ciências Contábeis; Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/553593/2/eBook%20FCCC58-Teoria%20da%20Contabilidade.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

BENBASAT, I.; GOLDSTEIN, D.K.; MEAD, M. **The case research strategy in studies of information systems,** MIS Quarterly, 1987. *Apud* ARAÚJO, Cidália; PINTO, Emília M. F.; LOPES, José; NOGUEIRA, Luís; PINTO, Ricardo. **Estudo de Caso.** Mestrado em Educação. Portugal: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia, 2008. Disponível em: <http://nelsonreyes.com.br/Estudo%20de%20Caso%20-%20Doutora%20Clara%20Pereira%20Coutinho.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2021.

BONÍZIO, Roni; MARTINS, Vinicius; GILIOLI, Adriano. **Manual de técnicas e práticas de elaboração de fluxo de caixa para pequenas e médias empresas e sua interpretação.** São Paulo: Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.crcrs.org.br/arquivos/livros/crcsp_m06.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRANSKI, Regina Meyer; FRANCO, Raul Arellano Caldeira; LIMA JR., Orlando Fontes. **Metodologia de estudo de casos aplicada à logística.** Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo – FEC. Laboratório de Aprendizagem em Logística e Transporte – LALT.

Disponível em:
<http://www.lalt.fec.unicamp.br/scriba/files/escrita%20portugues/ANPET%20-%20METODOLOGIA%20DE%20ESTUDO%20DE%20CASO%20-%20COM%20AUTORIA%20-%20VF%2023-10.pdf> Acesso em: 24 mai. 2021.

BRITO, Marilucia dos Santos de. **A importância da gestão contábil nas micro e pequenas empresas**. Salvador: Universidade Católica do Salvador. Faculdade de Ciências Contábeis, 2016. Disponível em:
<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/455/1/TCCMARILUCIABRITO.pdf> Acesso em: 18 mar. 2021.

BUARQUE, Aurélio de H. F. **Novo dicionário Aurélio – Século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira, 1997.

CAMPOS FILHO, Ademar. **Demonstração dos fluxos de caixa**: uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa. São Paulo: Atlas, 1999.

CARNEIRO, Rodrigo Borges. **O fluxo de caixa como instrumento de gerenciamento financeiro nas empresas**. Goiânia – GO: Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS. Núcleo de Pesquisa e Extensão, 2011. Disponível em:
<http://www.unicampsciencia.com.br/pdf/50bff4f521455.pdf> Acesso em: 08 mar. 2021

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração teoria, processo e prática**. 4. ed. São Paulo: Elsevier. 2007.

CÔRTE REAL, Mauro [1939]. **Gestão empresarial**. ed., rev. Curitiba – PR: IESDE Brasil, 2012. Disponível em: http://qualitert.com.br/biblioteca/gestao_empresarial.pdf Acesso em: 14 abr. 2021.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade gerencial**: Teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

FABRETTI, Láudio Camargo. **Prática tributária da micro, pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 2003.

FALCONI, Vicenti. **O verdadeiro poder**. Minas Gerais: INDG Tecnologia e Serviços, 2009.

FIDEL, Raya. **The case study method**: a case study. In: GLAZIER, Jack D. & POWELL, Ronald R. Qualitative research in information management. Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992. *Apud* ARAÚJO, Cidália; PINTO, Emília M. F.; LOPES, José; NOGUEIRA, Luís; PINTO, Ricardo. **Estudo de caso**. Mestrado em Educação. Portugal: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia, 2008. Disponível em:
<http://nelsonreyes.com.br/Estudo%20de%20Caso%20-%20Doutora%20Clara%20Pereira%20Coutinho.pdf> Acesso em: 18 abr. 2021.

FNQ – Fundação Nacional da Qualidade. Cadernos de Excelência. **Introdução ao Modelo de Excelência da Gestão**. Fundação Nacional da Qualidade. São Paulo: Fundação Nacional da Qualidade, 2008. Disponível em:

<https://docs.google.com/uc?authuser=0&id=0B5433XitJaDjRG9zLTZ3MmxXSE0&export=download> Acesso em: 09 abr. 2021.

FRAUCHES, Mirna Porto. **Fluxo de caixa**: ferramenta de controle interno financeiro na loja Bagaggio. Volta Redonda/RJ: Universidade Federal Fluminense – UFF. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2036/3/2014-Administra%C3%A7%C3%A3o-MIRNA%20PORTO%20FRAUCHES.pdf> Acesso em: 08 fev. 2021.

FREITAS, Mayara Rodrigues de. **Uso da contabilidade gerencial por micro e pequenas empresas**: um estudo de caso em um centro comercial varejista. Brasília: Centro Universitário de Brasília. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/13945/1/21508769.pdf> Acesso em: 16 mar. 2021.

FREZATTI, Fabio. **Gestão do fluxo de caixa diário**: como dispor de um instrumento fundamental para o gerenciamento do negócio. São Paulo: Atlas, 1997.

FRIEDRICH, João. **Fluxo de caixa sua importância e aplicação nas empresas**. Santa Maria/ RS: Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Sociais e Humanas. Especialização em Controladoria, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/477/Friedrich_Joao.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 13 mar. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos (1946). **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 7. ed. São Paulo: HARBRA, 2002.

GOMES, Maria José Oliveira; MORAES, Luciana Silva Moraes. **A importância do fluxo de caixa para a organização financeira da empresa x**. In: semanaacademica.org.br. 2011. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo-maria.pdf> Acesso em: 04 abr. 2021.

GÓMEZ, Gregorio Rodríguez; FLORES, Javier Gil; JIMÉNEZ, Eduardo García. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: Ediciones Aljibe, 1999.

GONÇALVES, Oksandro. **EIRELI - Empresa Individual de Responsabilidade Limitada**. In: Enciclopédia Jurídica da PUCSP, Tomo Direito Comercial, Edição 1. Publicado em 1 de julho de 2018. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/219/edicao-1/eireli---empresa-individual-de-responsabilidade-limitada> Acesso em: 16 mai. 2021

GROPPELLI, A. A. **Administração financeira**. São Paulo: Saraiva, 1998.

GUBA, Egon; LINCOLN, Yvonna. **Competing paradigms in qualitative research**. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 1994. *Apud* ARAÚJO, Cidália; PINTO, Emília M. F.; LOPES, José; NOGUEIRA, Luís; PINTO, Ricardo. **Estudo de caso**. Mestrado em Educação. Portugal: Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia, 2008. Disponível em: <http://nelsonreyes.com.br/Estudo%20de%20Caso%20-%20Doutora%20Clara%20Pereira%20Coutinho.pdf> Acesso em: 24 abr. 2021.

GULARTE, Charles. **Porte de Empresa**: Quais são as classificações? Veja como é definido nas diferentes instituições. In: Contabilizei.blog. Atualizado em 03 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.contabilizei.com.br/contabilidade-online/porte-de-empresa/> Acesso em: 24 mar. 2021.

GULARTE, Charles. **Sociedade Limitada**: O que é? Como funciona e características. In: Contabilizei.blog. Atualizado em 18 de março de 2022. Disponível em: <https://www.contabilizei.com.br/contabilidade-online/sociedade-limitada/> Acesso em: 19 mar. 2021.

IUDÍCIBUS, Sergio; MARION, Jose Carlos. **Curso de contabilidade para não contadores**. São Paulo: Atlas, 1997.

IUDICIBUS, Sergio de; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens. **Manual de contabilidade das sociedades por ações: aplicável às demais sociedades**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LANA, Márcio. **As razões da mortalidade das pequenas empresas**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br>. *Apud* RAMOS, Geraldo Vinícius; ALVES, Caroline Corrêa. **Fluxo de Caixa**: Instrumento indispensável para o planejamento, controle financeiro e sobrevivência das pequenas empresas. O caso Márcio Bueno de Castro – ME. In: IX Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT, 2012 [recurso digital]. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/30016823.pdf> Acesso em: 06 mar. 2021.

LEITE, Marcos. **5 dicas para organizar o fluxo de caixa da sua empresa**. publicado em 8 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.artsoftistemas.com.br/blog/5-dicas-organizar-fluxo-caixa-empresa/> Acesso em: 24 mar. 2021.

LISBOA, Lúcia de Fátima de Lima. **Fluxo de caixa**: instrumento de planejamento e controle financeiro. In: peritocontador.com.br (site), 2015. Disponível em: <http://peritocontador.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Lucia-de-F%C3%A1tima-de-Lima-Lisboa-Fluxo-de-Caixa-Instrumento-de-Planejamento-e-Controle-Financeiro.pdf> Acesso em: 20 mar. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2431625/mod_resource/content/1/Pesquisa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Abordagens%20Qualitativas%20vf.pdf Acesso em: 18 mar. 2021.

MACÁRIO, Rodolfo Augusto Horácio. **A importância da gestão do fluxo de caixa no controle da inadimplência**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Especialização em Gestão de Negócios Financeiros – GFNBB, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24895/000745520.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 mar. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARION, José Carlos [1998]. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARTINELLO, Daniela. **Gestão empresarial: a importância da controladoria no processo decisório em uma empresa do ramo de confecções**. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, 2011. disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/477/1/daniela%20martinello%20.pdf> Acesso em: 18 jun. 2021.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MATARAZZO, Dante Carmine. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Introdução à administração**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. In: **EDUSER: revista de educação**, Vol 2(2), 2010. Inovação, Investigação em Educação. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 11 jun. 2021.

MENDES, Judas Tadeu Grassi. (Org.). **Economia empresarial**. Fae Business School. Curitiba: Faculdades Bom Jesus. Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, 2002. Disponível em: <https://docs.google.com/uc?authuser=0&id=0B5433XitJaDjVE9SNEdiZ0NDRVU&export=download> Acesso em: 22 mai. 2021.

NASCIMENTO, Adenilson de Lima. **Planejamento financeiro: estudo de caso em uma pequena empresa do ramo metalúrgico**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52382/R%20-%20E%20-%20ADENILSON%20DE%20LIMA%20NASCIMENTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10 abr. 2021.

NASCIMENTO, R. **Administração financeira**. Disponível em: <http://www.daweb.com/administracao/administracao-financeira>. Apud OLIVEIRA,

Ricardo da Cunha. Administração Financeira: uma análise conceitual. *In: Revista Estação Científica* - Juiz de Fora, nº 15, janeiro – junho / 2016 [recurso digital]. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/6085/10-administra%C3%A7%C3%A3o-financeira-uma-an%C3%A1lise-conceitual.pdf> Acesso em: 01 mar. 2021.

OLIVEIRA, Luiz Martins de; PEREZ JUNIOR, José Hernandez; SILVA, Carlos Alberto dos Santos **Controladoria estratégica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

OLIVEIRA, Ricardo da Cunha. Administração Financeira: uma análise conceitual. *In: Revista Estação Científica* - Juiz de Fora, nº 15, janeiro – junho / 2016. Disponível em: <https://portal.estacio.br/media/6085/10-administra%C3%A7%C3%A3o-financeira-uma-an%C3%A1lise-conceitual.pdf> Acesso em: 17 abr. 2021.

OLIVO, Ana Maria; BOSCHILIA, Luiz. **Contabilidade geral e gerencial**: conceitos introdutórios para os cursos superiores de tecnologia. Florianópolis – SC: Publicações do IF-SC, 2012. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/Livro_contabilidade_miolo.pdf/f149d841-667c-9e0f-5cd2-a8bfb13d4ebf Acesso em: 28 mar. 2021.

PEREIRA, Carlos Alberto. **Ambiente, empresa, gestão e eficiência**. *In: CATELLI, Armando (Org.). Controladoria: uma abordagem da gestão econômica* - GECON. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PEREZ JUNIOR, José Hernandez; PESTANA, Arnaldo Oliveira; FRANCO, Sérgio Paulo Cintra. **Controladoria e Gestão**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

PIVETTA, Geize. A utilização do fluxo de caixa nas empresas: um modelo para a pequena empresa. *In: Revista Eletrônica de Contabilidade*. Volume I. N.2 dez/2004-fev/2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/contabilidade/article/view/6229/3729> Acesso em: 10 mar. 2021.

QUINTANA, Costa Alexandre. **Fluxo de caixa**: demonstrações contábeis. Editora Juruá, 2009.

RAMOS, Geraldo Vinícius; ALVES, Caroline Corrêa. **Fluxo de Caixa**: Instrumento indispensável para o planejamento, controle financeiro e sobrevivência das pequenas empresas. O caso Márcio Bueno de Castro – ME. *In: IX Simpósio e Excelência e Gestão e Tecnologia* – SEGeT, 2012 [recurso digital]. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/30016823.pdf> Acesso em: 24 mar. 2021.

REINERT, Nilséia; BERTOLINI, Geysler R.F. **A Necessidade de organização dos controles financeiros para uma melhor gestão de empresas de pequeno porte**. *In: VI Seminário do Centro de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel*. Cascavel – PR. Anais... Cascavel – PR, 2007.

ROSA, Paulo Moreira da; SILVA, Almir Teles da. Fluxo de caixa: instrumento de planejamento e controle financeiro e base de apoio ao processo decisório. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília: v. 31, n. 135, p. 83-97, maio/jun. 2002.

SÁ, Carlos Alexandre. **Liquidez e Fluxo de Caixa**: Um estudo teórico sobre alguns elementos que atuam no processo de formação do caixa e na determinação do nível de liquidez de empresas privadas não financeiras. Rio de Janeiro: Escola de Pós Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. Mestrado Profissionalizante em Finanças e Economia Empresarial EPGE – FGV, 2004. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/306/1716.pdf?sequence=1> Acesso em: 22 fev. 2021

SALANEK FILHO, Pedro. **Administração financeira** [recurso eletrônico]. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2012. Disponível em: <http://proedu.rnp.br/bitstream/handle/123456789/957/Administrcao%20Financeira.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10 jun. 2021.

SANTOS, Cristiane Aparecida Alves dos; BARRETO, Maria Cristina Rodrigues. VIDESCHI, Vanessa Cássia Pinheiro; HORITA, Ricardo Yoshio. Fluxo de caixa. In: **Revista Científica do Unisalesiano** – Lins – SP, ano 1., n. 1, jan/jun de 2010. Disponível em: <http://www.salesianolins.br/universitaria/docs/modeloArtigo.pdf> Acesso em: 20 mai. 2021.

SANTOS, Edno Oliveira dos. Administração financeira da pequena e média empresa. São Paulo: Atlas, 2001. *Apud* TEIXEIRA, Tuiane. **Proposta de implantação do fluxo de caixa como ferramenta de gestão para o planejamento financeiro de uma empresa de pequeno porte do segmento de construção civil, localizada no norte do Rio Grande do Sul**. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Curso de Administração de Empresas, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/291/1/Tuiane%20Teixeira.pdf> Acesso em: 23 mai. 2021.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SILVA, Amado Francisco da. Fluxo de caixa. In: **Revista ECCO**, ano I, nº 1, 2º semestre de 2006. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

SILVA, Daiane Vieira da. **Fluxo de caixa como ferramenta de gestão financeira para microempresa**. Assis: Fundação Educacional do Município de Assis – FEMA, 2015. Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1111390529.pdf> Acesso em: 07 jun. 2021.

SILVA, Danielle Zanetti Guimarães da; NEIVA, Roberta Mendes. O fluxo de caixa como ferramenta de gestão financeira e estratégia nas empresas. **ReFAE – Revista da Faculdade de Administração e Economia**, v. 2, n. 2, p. 23-35, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ReFAE/article/download/2048/2195> Acesso em: 18 fev. 2021.

TEIXEIRA, Tuiane. **Proposta de implantação do fluxo de caixa como ferramenta de gestão para o planejamento financeiro de uma empresa de pequeno porte do segmento de construção civil, localizada no norte do Rio Grande do Sul.** Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Curso de Administração de Empresas, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/291/1/Tuiane%20Teixeira.pdf> Acesso em: 20 abr. 2021.

SILVA, Edson Cordeiro da. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas: guia de sobrevivência empresarial.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, Leonardo Malheiros. **Fluxo de caixa: importância, composição e aplicação nas empresas.** Rio de Janeiro – RJ: Universidade Cândido Mendes. Instituto A Vez do Mestre, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t206356.pdf Acesso em: 27 fev. 2021.

SILVA, Luiz Ivan dos Santos. **Contabilidade: objeto, objetivos e funções.** In: Sitientibus, Feira de Santana, n. 38, p.79-101, jan./jun. 2008. Disponível em: http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/38/5_contabilidade_objeto_objetivos_e_funcoes.pdf Acesso em: 20 mai. 2021.

SILVA, Paulo Moreira da Rosa e Almir Teles da. **Fluxo de caixa: instrumento de planejamento e controle financeiro e base de apoio ao processo decisório.** In: tomlav.com.br (site), 2005. Disponível em: <http://www.tomislav.com.br/category/sala-de-aula/adm-fin-orcamentaria/> Acesso em: 17 fev. 2021.

SOUZA, Caio Soares Gonçalo de; OLIVEIRA, Carlos Augusto de. **Administração financeira – fundamentos e um modelo prático: estudos Globo / departamento de efeitos especiais.** In: XII Congresso Nacional de Excelência em Gestão, 29 e 30 de setembro de 2016 [recurso digital]. Disponível em: https://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_M_028.pdf Acesso em: 26 fev. 2021.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento e controle financeiro.** 1. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento financeiro.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

ZDANOWICZ, José Eduardo. **Fluxo de caixa: uma decisão de planejamento financeiro.** 10. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário para pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso Aplicado com o Gestor

1. Qual seu gênero?

- () feminino
() masculino

2. Qual a sua idade? ____ anos.

3. Qual sua escolaridade?

- () Ensino Médio incompleto
() Ensino Médio completo
() Ensino Superior incompleto. Qual área? _____
() Ensino Superior completo. Qual área? _____
() Pós-graduação.

4. Qual sua função na empresa? _____

5. Quanto tempo a empresa atua no mercado? _____

6. Qual ramo de atuação da empresa? _____

7. Qual seu grau de entendimento sobre a ferramenta interna (fluxo de caixa)?

- a - () entendo completamente a funcionalidade da ferramenta.
b - () entendo parcialmente a funcionalidade da ferramenta.
c - () não entendo como funciona.

8. Para você o fluxo de caixa (ferramenta interna) influencia no desenvolvimento da sua empresa?

- a - () sim. De que forma?

- b - () não.

9. Seria possível controlar a movimentação de uma empresa sem esta ferramenta interna?

- a - () sim.
b - () não.

10. O fluxo de caixa pode ser utilizado para planejamentos futuros?

- a - () sim. De que forma?

- b - () não.

11. Você utilizaria as informações do Fluxo de Caixa para a tomada de decisões na empresa?

- a - () sim.
b - () não.

12. Você acredita que a forma atual de utilização dessa ferramenta supre as necessidades da empresa?

- a - () sim.
b - () não.

13. Quais os principais desafios que a empresa possui para a utilização da ferramenta FC?

14. O senhor autoriza o fornecimento de dados para que se possa elaborar uma DFC de acordo com as necessidades ou prioridades da CIA?
